

# **RELATÓRIO DE ESTÁGIO NA RELÓGIO D'ÁGUA**

**MÓNICA ÁLVARES RODRIGUES**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE  
MESTRADO EM EDIÇÃO DE TEXTO**

**LISBOA  
MARÇO 2013**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto, realizado sob a orientação científica  
do Professor Doutor Rui Zink, Professor Auxiliar do Departamento de Estudos  
Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Declaro que este relatório é o resultado da minha investigação pessoal, o seu conteúdo original e que todas as fontes consultadas se encontram devidamente referidas no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata

Mónica Álvares Rodrigues

Lisboa, 30 de Março de 2013

Declaro que este relatório se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas

O Orientador

L. Zil

Lisboa, 30 de Março de 2013

## AGRADECIMENTOS

Se o Saber e a Cultura são companheiros de vida de quem os procura, para esta página estar a ser escrita é forçoso reconhecer que na busca continuada destes privilégios uma mais ou menos longa distância foi percorrida. Não teria, porém, sido atingida sem os importantes esteios que a seguir menciono e que ao longo do caminho estiveram presentes.

Assim, nesta oportuna página deixo os meus agradecimentos, em particular, ao Professor Doutor Rui Zink por ter aceite ser o meu orientador de estágio e aos professores de Mestrado em Edição de Texto em geral, por me terem acompanhado e beneficiado com os seus ensinamentos e oferecido a sua disponibilidade.

Agradeço igualmente ao editor Francisco Vale a oportunidade que me proporcionou de estagiar na sua editora, colhendo aí aprendizagens preciosas para o futuro, e a toda a equipa da Relógio D'Água pela sua colaboração e cordialidade.

Aos meus pais, pelo apoio constante.

# **RELATÓRIO DE ESTÁGIO EM EDIÇÃO DE TEXTO**

## **RESUMO**

O presente relatório, apresentado por Mónica Álvares Rodrigues, aluna de Mestrado em Edição de Texto da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, descreve um estágio curricular proporcionado pela editora Relógio D'Água, e durante o qual foram desenvolvidas as diversas componentes que integram a actividade editorial. À mencionada descrição faz-se seguir uma breve e genérica abordagem à questão do futuro desta actividade, com enfoque na dicotomia livro impresso *vs* livro electrónico.

**Palavras-chave:** Estágio, Relógio D'Água, Edição, Livros

## **ABSTRACT**

This internship report, submitted by Mónica Álvares Rodrigues, Master's student of Editing and Publishing at Faculdade de Ciências Sociais e Humanas of Universidade Nova de Lisboa, describes an internship provided by the publishing house Relógio D'Água, in the course of which were developed the various components belonging to the publishing activity. Said description is followed by a brief and general approach to the future of this activity, focusing on the dichotomy printed book *vs* e-book.

**Keywords:** Internship, Relógio D'Água, Edition, Books

# ÍNDICE

	<b>Pág.</b>
INTRODUÇÃO	10
1. A Editora	12
1.1. História da instituição	12
1.2. O catálogo	13
1.3. As capas	16
2. O Estágio	19
2.1. As tarefas desenvolvidas	19
2.2. Revisão	20
2.3. Tradução	23
2.4. Promoção	24
2.5. Outros	26
3. O Projecto que me foi atribuído	27
3.1. Tomada de decisão	27
3.2. O livro	28
3.3. A revisão	28
3.4. A capa	29
3.5. A contracapa	31
3.6. O <i>Press-Release</i>	32
4. Edição – que futuro?	33
4.1. Edição – Uma profissão de risco no século XXI?	33
4.2. O livro de papel vs o livro electrónico	34
4.3. Enfrentar a mudança	39
5. Reflexão final	42
BIBLIOGRAFIA	46
WEBGRAFIA	47

**ANEXOS:**

Anexo I	Plano de Estágio
Anexo II	Exemplos de revisão de <i>Orgulho e Preconceito</i>
Anexo III	Norma Portuguesa NP-61
Anexo IV	Contracapa de <i>As Aventuras de Pinóquio</i>
Anexo V	Exemplo de <i>e-mails</i> enviados a solicitar autorização para publicação de obra estrangeira
Anexo VI	Contracapa de <i>O Vinho da Solidão</i>
Anexo VII	Exemplo de <i>Press-Release</i> utilizado na editora
Anexo VIII	A Fileira do Livro em Portugal

# Introdução

Terminada em Junho de 2012 a componente lectiva do mestrado em Edição de Texto iniciada há três semestres, propus-me a obtenção do grau de Mestre nesta área. Tanto implicou encontrar uma instituição onde pudesse realizar o estágio curricular que permitisse alcançar o referido objectivo. Composto o currículo, seguiu-se o envio do mesmo com as respectivas cartas de apresentação às editoras e redacções de jornais e revistas, solicitando a possibilidade de o desenvolver.

Entre as respostas que foram chegando, umas por *e-mail* outras por telefone, a escolha recaiu na Relógio D'Água, não só por se tratar de uma editora, o que correspondia à minha preferência de formação, mas sobretudo por ser detentora de um dos catálogos mais aliciantes do panorama editorial português.

Na entrevista que serviu de ponto de partida ao estágio, em Julho de 2012, ficou estabelecido que este iria decorrer entre Setembro de 2012 e Fevereiro de 2013, fixou-se o horário e acordou-se que o mesmo seria realizado num contexto de trabalho, por forma a permitir à mestranda o desempenho de funções de carácter profissional relevantes para a editora e que, em simultâneo, envolvessem a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos na parte curricular do mestrado.

Para o efeito, foi definido pela estagiária em colaboração com o editor um plano de estágio (Anexo I), no qual ficaram definidas as tarefas a desempenhar e de que adiante darei parte mais pormenorizada.

Assim, o presente relatório visa dar a conhecer a actividade desenvolvida pela mestranda no decurso desta componente não lectiva. Esta informação será acompanhada por uma perspectiva genérica sobre o futuro do sector editorial.



Desta forma, a estrutura do relatório apresenta, após a introdução, um capítulo exclusivamente dedicado à instituição de acolhimento, com enfoque na apreciação do seu catálogo, a que se segue um segundo contendo a descrição do decurso do estágio nas suas diversas vertentes. No terceiro capítulo inclui-se uma referência detalhada ao projecto atribuído à estagiária. Tem então lugar o quarto capítulo, onde se faz uma abordagem oportuna ao futuro do sector editorial. Uma breve reflexão pessoal conclui o relatório. Assinala-se que toda a informação apresentada no mesmo se encontra devidamente identificada pelas respectivas fontes.

# 1

## A Editora

### 1.1. História da instituição

A Editora Relógio D'Água, não obstante a sua média dimensão, é uma referência incontornável no panorama editorial português. Com sede em Lisboa, na Rua Sylvio Rebelo ao Arco do Cego, foi fundada em 1983, e tem à frente dos seus destinos o editor Francisco Vale<sup>1</sup>.

Para levar a cabo esta experiência editorial, Francisco Vale rodeou-se de uma equipa de doze elementos em Lisboa e no Porto. Funcionando em permanência na sede, onde o meu estágio teve lugar, pude beneficiar do contacto com uma assistente editorial que desenvolve a sua actividade em estreita colaboração com o editor. Compete-lhe a ela contactar as agências literárias e editoras estrangeiras, negociar os direitos de tradução, gerir o correio electrónico, proceder a revisões e produzir textos de contracapa. Integram ainda este grupo de trabalho a revisora principal, dois paginadores a quem cabe a formatação dos livros a publicar, uma secretária encarregue das questões administrativas da empresa e que acumula as funções de telefonista e recepcionista, e um *designer* gráfico ao qual está afectada a realização das capas das obras a editar.

A empresa trabalha ainda com quatro revisores externos que se ocupam da revisão literária dos textos.

A parte logística da editora encontra-se num armazém situado nos arredores de Lisboa, onde três empregados se ocupam das encomendas e das devoluções dos livros, coadjuvados por um distribuidor que faz a entrega e a recolha do material, e de um vendedor a quem compete contactar directamente as livrarias, suscitando o seu interesse

---

<sup>1</sup> Francisco Vale foi um dos fundadores da Relógio D'Água em 1983, sendo desde então seu responsável editorial. É autor de dois romances, *Cláudia Telefonou Depois* e *Os Amantes Prendem nos Braços Tudo o Que lhes Dói*. Traduziu obras de Virginia Woolf, Katherine Mansfield, Djuna Barnes, Marguerite Yourcenar, Marguerite Duras, Le Clézio, Foucault, Ernesto Sabato, Javier Marías e Fernando Savater.

para as novidades do catálogo. A editora possui ainda outro vendedor na região do Porto.

Muito embora esteja atribuída a cada empregado uma função específica, é normal vê-los a realizarem outras actividades que não cabem na sua especialidade mas que precisam de ser levadas a cabo.

Foi uma circunstância que também pude experienciar pois, algumas vezes, enquanto me encontrava a rever um texto, essa tarefa teve de ser temporariamente posta de parte para colaborar na expedição de livros, ou ainda estar presente nos locais de debates realizados pela Fundação Francisco Manuel dos Santos para promover a venda de exemplares dos respectivos ensaios.

Trata-se de uma situação vulgar, naturalmente bem acolhida e que em nada prejudica o bom andamento dos trabalhos.

A Relógio D'Água participa nas Feiras do Livro de Londres e Frankfurt, o que lhe permite estabelecer contacto com editoras estrangeiras e negociar directamente os direitos de tradução das obras. É também presença assídua da Feira do Livro de Lisboa, à qual Francisco Vale aponta em 2012 um senão: altura em que se realizou.

Como refere no *blog* da editora, sob o título “Masoquismo na APEL”, o editor manifesta a sua incompreensão pela opção por um tempo chuvoso que “afasta visitantes, ameaça livros e sessões de autógrafos” e alicerça-a não só na sabedoria popular “Abril, águas mil”, como também na sabedoria poética de T. S. Eliot, “«Abril é o mês mais cruel» (...) «agita raízes dormentes com chuva da Primavera»”.

## **1.2. O catálogo**

Qual salvo-conduto que nos permite desbravar caminho em espaços desconhecidos, o catálogo da editora, com mais de 1300 obras a que se acrescentam anualmente cerca de setenta novos títulos, “procura estabelecer uma aliança entre a imaginação dos autores e os leitores capazes de reconhecerem os bons livros”<sup>2</sup> e leva-nos da poesia à ficção traduzida, passando pela ficção portuguesa, teatro, artes, comunicação,

---

<sup>2</sup> Conforme se pode ler na introdução à *Agenda 2013*. A *Agenda* é uma publicação anual da editora.

literatura juvenil, ciências, ensaios em ciências humanas, filosofia, e várias colecções mais específicas, como música, arquitectura e cinema.

Particularmente conhecida pela sua colecção de poesia, a Relógio D'Água inclui no catálogo autores portugueses como Fernando Pessoa, Cesário Verde, Ruy Cinatti, Fíama Hasse Pais Brandão, Maria Andresen, podendo contar-se entre os autores brasileiros com Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Manuel Bandeira, apresentando também edições bilingues de Hölderlin, Rimbaud, Blake, Rilke, Yeats, Lorca, T. S. Eliot, Neruda, Charles Tomlinson, Szymborska ou de Tomas Tranströmer.

A área da ficção encontra-se igualmente bem povoada, estando a ficção estrangeira representada, entre outros, por Beckett, Clarice Lispector, Carson McCullers, Cormac McCarthy, Doyle, Don DeLillo, Marguerite Duras, Irène Némirovsky, Ishiguro, James Joyce, Karen Blixen, Jack Kerouac, Nabokov, Virginia Woolf. Na ficção portuguesa ressaltam os nomes de Hélia Correia, Maria Gabriela Llansol, Gonçalo M. Tavares, Ana Teresa Pereira.

Por entre obras escolhidas de Boris Vian, Goethe, Mário de Sá-Carneiro, Jorge de Sena, Vitorino Nemésio e obras completas de Raul Brandão, o catálogo enca-minha-nos também para clássicos portugueses, como Eça e Camilo, e estrangeiros, como Oscar Wilde, Franz Kafka, Lev Tolstói, Fiodór Dostoievski, Ivan Turguéniev.

Na área da não-ficção somos orientados para a ciência com obras de Sigmund Freud, Rómulo de Carvalho, Charles Darwin, Konrad Lorenz ou Oliver Sacks.

Na lista de ensaios em ciências humanas oferece-nos a oportunidade de preencher uma boa parte das estantes com o saber de Platão a Montaigne, de Nietzsche a Foucault, Benjamin, Freud, Deleuze, Hannah Arendt, George Steiner, incluindo ainda pensadores como Baudrillard, Lipovetsky, Elisabeth Badinter, Fernando Savater, José Gil, António Barreto e Nuno Nabais.

Com a chancela da editora foram publicados vários prémios literários, entre outros, **Prémio Nobel da Literatura**: Thomas Mann (1929); Luigi Pirandello (1934); T. S. Eliot (1948); Samuel Beckett (1969); Pablo Neruda (1971); José Saramago (1998); Harold Pinter (2005); Tomas Tranströmer (2011). **Prémio Jerusalém**: Don DeLillo (1999). **Booker Prizes**: Iris Murdoch (1978) *The sea, the sea* (O mar, o mar); Penelope

Fitzgerald (1979); Kazuo Ishiguro (1989); Man Booker International Prize: Alice Munro (2009), *Too Much Happiness (Demasiada Felicidade)*. **Prémio Goncourt**: Marcel Proust (1919), *À la Recherche du Temps Perdu, Tome II - À l'ombre des jeunes filles en fleurs (Em Busca do Tempo Perdido vol. II – À sombra das raparigas em flor)*; Marguerite Duras (1984). **Prix Renaudot**: Irène Némirovsky (2004), a título póstumo. **Príncipe das Astúrias**: Leonard Cohen (2011). **Pulitzer**: Ficção: Edith Wharton (1921); Willa Cather (1923), *One of Ours (Uma Mulher Perdida)*; Harper Lee (1961), *To Kill A Mockingbird (Mataram a Cotovia)*; Cormac McCarthy (2007), *The Road (A Estrada)*. **National Book Award**: Poesia: John Ashbery (1976), *Self-Portrait In A Convex Mirror (Espelho Convexo)*; Elizabeth Bishop (1970). Ficção: Don DeLillo (1985); Cormac McCarthy (1992); Denis Johnson (2007)<sup>3</sup>.



Fig. 1 - Logotipo da editora

Para além do seu vasto, criterioso e aliciante catálogo, a editora, em colaboração com a Fundação Francisco Manuel dos Santos, coordena a edição da colecção Ensaios da Fundação, “uma iniciativa editorial inédita na área do ensaio”, dirigida por António Araújo e que tem como objectivo constituí-los em “verdadeiros instrumentos de informação, aprendizagem, formação e reflexão, de modo a abordar grande número de questões actuais e relevantes da sociedade portuguesa”<sup>4</sup>.

É ainda de registar a colaboração com as editoras Assírio & Alvim e Coto-  
via, no projecto de livros de bolso intitulado BI – Biblioteca Editores Independentes, bem como a escolha da Relógio D’Água como uma das beneficiárias da bolsa atribuída pelo ministério da cultura brasileiro para incentivar a divulgação de autores brasileiros pelo mundo, e particularmente na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a vigorar até Dezembro de 2020<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Só se faz constar os títulos das obras editadas pela Relógio D’Água.

<sup>4</sup> Entrevista conduzida por João Morales, Revista *Os Meus Livros*, Agosto de 2010, <http://relogiodaguaeditores.blogspot.pt/2010/08/antonio-barreto-em-entrevista-sobre-os.html>

<sup>5</sup> Artigo publicado no Jornal Público de 30.10.2012 (edição online), <http://www.publico.pt/cultura/noticia/relogio-dagua-cotovia-e-ecopy-com-bolsa-para-publicar-autores-brasileiros-1569420>

No âmbito deste programa visa-se a publicação ou reedição de obras de Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade ou Dalton Trevisan. Segundo o edital que rege o programa, será atribuída a verba de seis mil dólares a cada projecto de publicação.

No caso da Relógio D'Água, segundo a Lusa, a editora vai receber apoio na publicação de cinco obras – três títulos de Clarice Lispector e dois de Dalton Trevisan, vencedor do Prémio Camões 2012.

### 1.3. As capas

Na Relógio D'Água as capas constituem uma imagem de marca da editora. Desde a sua fundação, as publicações têm apresentado um mesmo *design*, em que se privilegia a ilustração, contendo o *lettering* o nome do autor e mais em destaque o título da obra (Fig. 2), facto que, conferindo inegável identidade à editora, permite um imediato reconhecimento dos seus produtos.

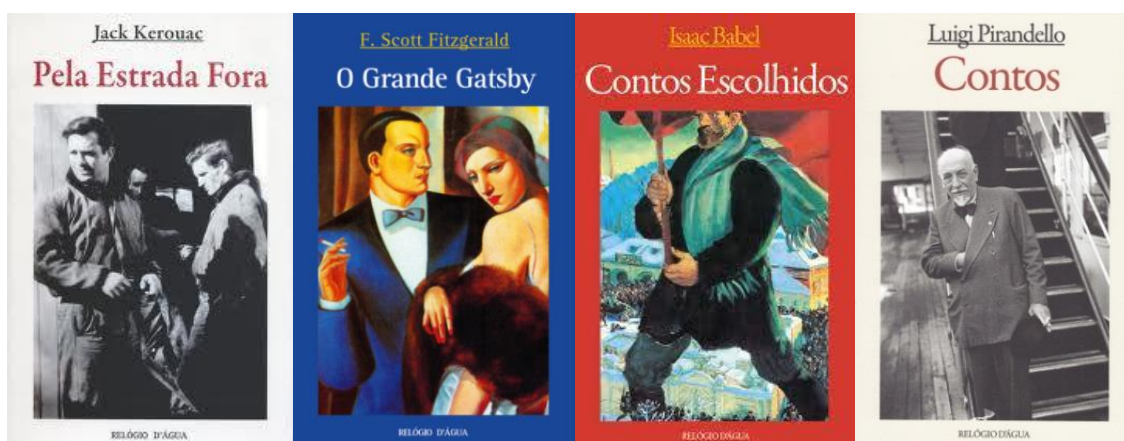


Fig. 2 - Capas tradicionais

Mas nem sempre assim acontece. A par deste *design* tradicional têm surgido outros tipos de capas tão ou mais interessantes e apelativas, o que se pode comprovar pelas imagens seguintes (Fig. 3):



Fig. 3 – Outro tipo de capas

Como refere Angus Philips, o editor pode acrescentar valor à matéria-prima que é o texto do autor através de uma capa atraente<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Conforme José Afonso Furtado, *A Edição de Livros e a Gestão Estratégica*, p. 115.



Para além dos modelos referidos, a editora apresenta capas específicas para determinado tipo de literatura. Em baixo podemos visualizar esse tipo de capas.



Fig. 4 - Capas de obras poéticas



Fig. 5 - Capas de autor



## 2

# O Estágio

### 2.1. As tarefas desenvolvidas

Uma editora define-se como uma organização empresarial que coordena a publicação de obras literárias. Com essa finalidade prossegue as três principais etapas de confecção desse produto: a **pré-produção**, que inclui todos os aspectos da tomada de decisão pelo editor, como a apreciação das propostas autorais ou do original do autor, a apresentação de contrapropostas editoriais e a negociação dos direitos do autor; a **produção**, que envolve as actividades de revisão, paginação e a programação ou *design* gráfico, podendo ainda incluir a tradução, como muito vulgarmente acontece, e mesmo a redacção (mais raro), seguidas do acabamento e impressão; e a **pós-produção**, que engloba a divulgação e a colocação no mercado do produto final. Estas fases encontram-se bem representadas no esquema abaixo:

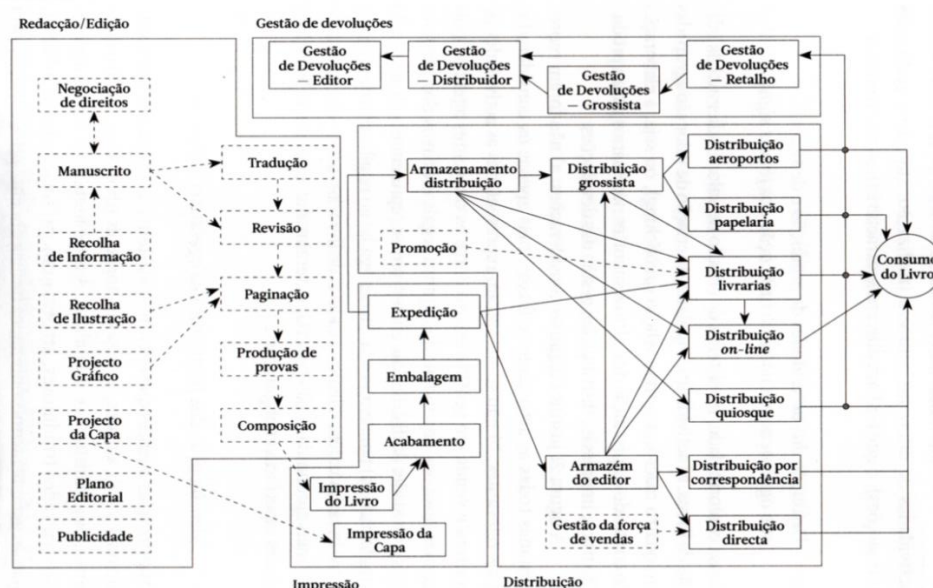


Fig. 6 - O Sistema tradicional de criação de valor na edição de livros (Dubini, 2001)<sup>7</sup>

O estágio veio proporcionar-me o ensejo de seguir de perto e concretizar alguns dos passos em que este processo editorial se subdivide.

<sup>7</sup> Conforme José Afonso Furtado, *A Edição de Livros e a Gestão Estratégica*, p. 282.

Não obstante a inexistência de um plano definitivo no início do processo, a minha actividade pautou-se desde o primeiro dia pelo acompanhamento dos projectos editoriais em curso na empresa, originando uma rápida integração na realidade laboral, situação para mim inédita.

Logo na entrevista inicial, referida na introdução a este relatório, o editor informou-me que, entre outros trabalhos, ficaria encarregue da revisão de textos e que, para além dessas tarefas, ser-me-ia adjudicado um projecto editorial específico que consistiria no acompanhamento da produção de um livro desde o seu início.

## 2.2. Revisão

A revisão de textos constituiu, como é norma, a parte de leão da minha actividade. Tendo já entrado em contacto nas aulas com a sinalética necessária a esta tarefa, durante o estágio fiquei ao corrente das variantes praticadas na editora ao serem-me facultadas revisões de outras obras e ao realizar um *briefing* com o editor ( ~ , # , l, ✓ , ∫ , 9 ).

A editora tem adoptado o uso de aspas de curvas duplas (“ ”) dentro das angulares para citações dentro de citações. As aspas angulares (« ») são utilizadas para citações encaixadas no texto e para os diálogos em substituição dos travessões. No entanto, a introdução dos diálogos varia de livro para livro. Se na obra *Orgulho e Preconceito* é esse o tipo de aspas utilizado, já nos livros *Aventura no Rio* e *Riso na Escuridão* elas são substituídas por travessões. Na última obra citada, são os pensamentos que se apresentam entre aspas.

Na Relógio D’Água os textos a ser revistos resultam da digitalização do texto original, durante a qual o mesmo é submetido a um programa de identificação de caracteres (OCR – *Optical Character Recognition*), passando a figurar como um documento *Word*. Não obstante a sua eficiência, na imagem digitalizada, para além de se encontrar por vezes sombreados que dificultam a leitura do texto, verifica-se a alteração de alguns caracteres como é, por exemplo, o caso do *e* que se transforma em *o* (“pufos” em vez de “pufes”, e “acordos” em vez de “acordes” n’ *O Vinho da Solidão*). O mesmo sucede quando se trata de um original já envelhecido e num deficiente estado de conser-

vação, onde pequenas manchas levam a que um *c* seja transformado num *ç*, ou o conjunto de dois caracteres como o *in* em *m* e vice-versa (“inundo” em vez de “mundo” no *Riso na Escuridão*).

Assim, numa primeira revisão há que proceder a uma limpeza do texto para correcção destas falhas informáticas que são assinaladas em simultâneo com outros erros que se vão detectando, como espaços a mais ou a falta deles, parágrafos a mais ou falta de parágrafos onde se justificam, correcção da pontuação (vírgulas, pontos de exclamação, travessões) ou troca da ordem das palavras. É também uniformizado o uso do itálico e das aspas. Nos textos que me foram confiados realizei sempre a primeira revisão.

No âmbito da ficção coube-me a revisão das obras *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen; *A Aventura no Rio*, de Enid Blyton; *Novelas Nada Exemplares*, de Dalton Trevisan; *Poesia Completa*, de Dylan Thomas; *A Verdadeira Vida de Sebastian Knight* e *Riso na Escuridão*, ambos de Vladimir Nabokov; e *O Vinho da Solidão*, de Irène Némirovsky. Na não ficção *A Dominação Masculina*, de Pierre Bourdieu; *Fala*, *Memória*, de Vladimir Nabokov; e *Martin Heidegger*, de George Steiner, esta última não terminada dada a conclusão do período do estágio.

O número de revisões a efectuar varia de obra para obra, sendo três o número máximo que pode ter lugar. Por exemplo, *Orgulho e Preconceito* foi submetido a três revisões. Na última, onde se procuraram, essencialmente, erros de tradução, o livro já se encontrava paginado e o texto dimensionado. As revisões são sempre realizadas por diferentes revisores, o que possibilita uma maior e melhor detecção de eventuais erros (a editora dispõe de pelo menos duas pessoas para o efeito – cf. p. 12 deste relatório).

Na obra com que iniciei a minha actividade de revisão, *Orgulho e Preconceito*, tradução de José Miguel Silva, verifiquei a existência de erros gramaticais, como a não concordância verbal (“Após alguns minutos à mesa, foram todas convidadas a **irem** a uma das janelas”, corrigido para “Após alguns minutos à mesa, foram todas convidadas a **ir** a uma das janelas”<sup>8</sup>), a não uniformização dos itálicos em *Lord* ou *Lady* ao

---

<sup>8</sup> *Orgulho e Preconceito*, p. 150.

longo do texto, a troca de nomes das personagens (Elizabeth onde devia figurar Jane), e a falta de preposições (“Ela recordou também que, enquanto os de Netherfield permaneceram na região, Wickham não contou esta história a ninguém **senão ela própria**”, corrigido para “Ela recordou também que, enquanto os de Netherfield permaneceram na região, Wickham não contou esta história a ninguém **senão a ela própria**”<sup>9</sup>). No Anexo II apresenta-se exemplos de uma revisão que efectuei).

Igualmente, em *Aventura no Rio* também surgem lapsos de escrita como, por exemplo, a troca da cor (cobra verde em vez de cinzenta), e a necessidade de colocar itálicos, sendo o caso mais frequente o nome de um pássaro, a catatua *Didi*.

No que toca ao *Riso na Escuridão*, foi-me indicado que deveria ter atenção à tradução que, segundo o editor, não teria sido bem conseguida em alguns excertos: no original, “the **gauze** on the window **looked** filthy” está traduzido na edição de 1965 da Teorema por “a **nebelina** na janela **parecia** sujidade”, sendo proposta por mim a alteração “a **escumilha** da janela **estava** imunda”. Outro exemplo de má tradução encontra-se na frase “next winter the shopgirl’s sister introduced her to *Frau* Levandovsky, an elderly woman of goodly proportions with genteel manner, albeit marred by a certain fruitiness of speech, **and a** large purple blotch cheek the size of a hand: she used to explain it by her mother’s having been frightened by a fire whilst **expecting her**”, traduzida para “no Inverno seguinte, a irmã da caixeira apresentou-a a *Frau* Levandovsky, mulher idosa de generosas proporções e maneiras educadas, embora prejudicadas por uma certa prolixidade do discurso, **que tinha** uma grande mancha na face, do tamanho de uma mão, o que ela costumava explicar dizendo que a sua mãe se tinha assustado com um incêndio enquanto estava **à espera dela**”. Na minha correcção traduzi as expressões a negrito “and a” para “e por”, e “expecting her” para “grávida dela”.

Na *Poesia Completa* de Dylan Thomas, não obstante tratar-se de uma edição bilingue, a revisão da tradução dos poemas não me foi solicitada. Assim, coube-me rever o texto em inglês, verificando a sua conformidade com a edição original.

Quanto às *Novelas Nada Exemplares*, a revisão foi mais rápida, uma vez que o texto, constituído na sua maioria por diálogos curtos, imprimia à leitura um ritmo veloz. Este ritmo só foi diminuído devido à necessidade de o texto ser submetido a um

---

<sup>9</sup> *Orgulho e Preconceito*, pp. 187 e 188.

conversor ortográfico para que obedecesse ao actual acordo ortográfico brasileiro. Para o efeito recorri ao dicionário *online* da Porto Editora<sup>10</sup> por indicação da assistente editorial.

À excepção dos poemas de Dylan Thomas e das *Novelas Nada Exemplares*, todas as revisões foram efectuadas sobre traduções tendo, no entanto, sempre presente os originais das obras em inglês (*Orgulho e Preconceito*; *A Aventura no Rio*; *A Verdadeira Vida de Sebastian Knight*; *Riso na Escuridão*; *Fala, Memória*; *Martin Heidegger*), ou em francês (*O Vinho da Solidão*, *A Dominação Masculina*).

De entre as obras de não-ficção, as revisões de *A Dominação Masculina* e de *Martin Heidegger* (não concluída) foram as que me tomaram mais tempo, dado terem um conteúdo mais denso e de compreensão mais difícil, a que corresponde uma escrita mais complexa. No caso particular de *A Dominação Masculina*, a grande extensão das frases agravava este aspecto, requerendo uma atenção muito especial à pontuação. Por exemplo, nas frases “... apenas pode nascer e realizar-se na experiência da superioridade cujos signos mais indiscutíveis...” e “...ao efeito de «consumo ostensivo» o prémio da exclusividade...” coloquei uma vírgula a seguir a **superioridade** e a **ostensivo**, respectivamente. Dado a obra ainda não ter sido editada, não é possível ter a certeza da aceitação destas alterações.

No Anexo III a este trabalho inclui-se a norma portuguesa NP-61, de 1987, donde constam os sinais de correcções dactilográficas ou tipográficas.

### 2.3. Tradução

Neste campo foi-me solicitada a tradução de dez capítulos da obra *The Common Reader*, de Virginia Woolf, dos quais traduzi dois (*On not Knowing Greek* e *Jane Austen*), tarefa que não teve seguimento por decisão editorial.

O maior desafio que uma tradução oferece consiste, antes de mais, em perceber qual é a “voz” do autor, isto é, qual o seu estilo e a sua maneira de escrever, e procurar manter essa “voz” intacta na língua de chegada.

---

<sup>10</sup> <http://www.portoeditora.pt/acordo-ortografico/conversor-texto/>

Se, por um lado, ao traduzir estes dois capítulos, grandes fragmentos de texto não ofereceram qualquer resistência, as expressões idiomáticas com que por vezes me deparei já apresentavam maior dificuldade de tradução. A arte consiste não só em nos apercebermos de que há ali uma expressão própria da língua do autor, como sobretudo em encontrar a expressão equivalente na língua do tradutor, evitando assim o ridículo de uma tradução literal.

Outro aspecto a ter em conta para se efectuar uma boa tradução é o de saber quando se deve deixar cair ou acrescentar uma ou mais palavras, de modo a expressar exactamente a mesma ideia que o autor quis transmitir, e atender igualmente à pontuação, que pode necessitar de ser modificada.

Procurei, assim, observar todos estes mecanismos e, ao terminar a tradução de cada capítulo, procedi a duas revisões. Numa primeira analisei o texto no seu todo, para me certificar de que a tradução correspondia à narrativa original. Na segunda procedi à sua “limpeza”, detectando gralhas, atendendo à concordância de género e número dos substantivos, uniformização dos tempos verbais, e substituição de palavras por outras que proporcionassem uma leitura mais correcta e fluida.

Entre as primeiras actividades de que fui incumbida constou igualmente a redacção de um texto de contracapa para o livro infantil *As Aventuras de Pinóquio*. Foi-me dito que se pretendia uma tradução do texto da contracapa da versão inglesa de Ann Lawson Lucas. Realizada dentro dos parâmetros de uma tradução literal, não me ofereceu dificuldade de maior. O texto foi objecto de ajustes que, no entender do editor, se mostraram necessários para uma melhor adaptação à edição portuguesa, tendo sido progressivamente introduzidos até se atingir a versão final (Anexo IV).

## **2.4. Promoção**

A Relógio D'Água não privilegia o lançamento como modo de promoção das obras a publicar. Dá antes preferência ao envio de exemplares para os críticos, o que, a meu ver, se afigura uma alternativa ainda mais eficaz. Para citar um exemplo, na rubrica Livros da revista *Atual*, que integra o semanário *Expresso*, foram já apresentados vários livros da editora. Destaco aqui *Contos*, de Luigi Pirandello e *Contos Escolhi-*

dos, de Carson McCullers, ambos com a classificação máxima de cinco estrelas (edição de 10.11.2012), e *O Vampiro de Curitiba* e *Novelas Nada Exemplares*, de Dalton Trevisan, classificados com quatro e cinco estrelas, respectivamente (edição de 22.12.2012)<sup>11</sup>.

Para cumprir esse objectivo, tive várias vezes de embalar e enviar as obras aos críticos. Não sendo um processo que exija muito do intelecto, houve todavia necessidade de observar uma técnica para o levar a bom porto. A partir de uma lista de críticos pertencentes a diversos órgãos de informação, como a RTP, a TSF, o jornal *Público* e o semanário *Expresso*, a *Agenda Cultural de Lisboa*, entre outros, selecciona-se os títulos a atribuir a cada crítico. Os que se entregam em mão são empacotados ou embrulhados como se de prendas se tratasse, enquanto os que são enviados pelo correio implicam um melhor acondicionamento, sendo por isso primeiramente protegidos por placas em cartão e só posteriormente embrulhados em papel levando à volta um cordel. Não obstante a sua simplicidade, esta tarefa importa uma certa dose de concentração para ser bem efectuada. Incluem-se igualmente nestes envios os livros autografados pelos autores<sup>12</sup>.

A confirmar o pouco uso que a Relógio D'Água faz das sessões de lançamento, conferências e apresentações, daquelas em que participei, dez eram da Fundação Francisco Manuel dos Santos<sup>13</sup>, para venda de livros desta editora<sup>14</sup>, e apenas duas serviram para a venda de livros da Relógio D'Água, uma da iniciativa da Faculdade de Letras de Lisboa, a propósito do lançamento de *Migalhas Filosóficas*, de Sören Kirkegaard, e outra da Casa Fernando Pessoa, debate sobre *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector.

---

<sup>11</sup> Como curiosidade, note-se que na edição de 18.08.2012, sob o tema “50 livros que toda a gente deve ler”, a *Atual* elegeu, entre outras, as edições *Crime e Castigo*, *Madame Bovary*, *Em Busca do Tempo Perdido*, *As Ondas*, da Relógio D'Água.

<sup>12</sup> A entrega em mão parece-me ser o método mais eficaz para se ter a certeza que o crítico recebeu os livros.

<sup>13</sup> Decorreram em vários locais de Lisboa, como o Tagus Parque, a Torre do Tombo, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, o Instituto de Ciências Sociais e a Reitoria da Universidade de Lisboa.

<sup>14</sup> Tal como foi mencionado na página 15, a Relógio D'Água tem a coordenação editorial da Fundação Francisco Manuel dos Santos. É por este motivo que participa nas vendas da Fundação.

## 2.5. Outros

Foi-me ainda solicitada a leitura e exposição da minha opinião sobre um extracto do livro de Elizabeth Taylor, *The Wedding Group*, exposição essa que se traduziu num breve comentário oral com o editor.

Seguiu-se a leitura do suplemento de literatura do jornal *The Times*, de Agosto de 2012, sobre duas críticas literárias às obras *Os Óculos de Ouro*, de Giorgio Bassani (Quetzal), e *Habits of the House*, de Fay Weldon, relativamente às quais foi-me indicado que sublinhasse os aspectos que achasse importantes, com menção da minha preferência por um dos livros/artigos, tendo ainda efectuado uma pesquisa informática relativa a outras obras destes autores já publicadas em Portugal.

Estas tarefas foram sempre intercaladas nas revisões que me encontrava a realizar.



## 3

# O Projecto que me foi atribuído

### 3.1. Tomada de decisão

Com vista à escolha do projecto específico a ser-me atribuído, sem se perder de vista o interesse da editora, tive a meu cargo a pesquisa de informações e críticas sobre as obras a concurso para o prémio literário francês Médicis. A ideia consistia na opção por um dos romances nomeados na categoria de romance estrangeiro para a edição de 2012 do referido prémio.

Da segunda *shortlist*, apresentada a 9 de Outubro de 2012, constavam *Le Bruit des Choses qui Tombent* (Juan Gabriel Vasquez), *Tigre, Tigre* (Margaux Fragoso), *Coupables* (Ferdinand von Schirach), *Rétrospective* (Avraham B. Yeheshua), *Espace et Labyrinthes* (Vassili Golovanov), *La Nébuleuse de l'Insomnie*<sup>15</sup> (António Lobo Antunes) e *Un Voyage en Inde*<sup>16</sup> (Gonçalo M. Tavares).

Os livros dos autores portugueses estavam fora de questão por já terem sido editados em Portugal. Pela mesma razão foi eliminado *Le Bruit des Choses qui Tombent* (intitulado *O Barulho das Coisas ao Cair*, pela Alfaguara).

Permaneciam apenas como hipóteses *Tigre, Tigre*; *Coupable*;, *Espace et Labyrinthes* e *Rétrospective*. Sobre este último recaía a minha preferência e, por feliz coincidência, acabou por arrecadar o prémio a 6 de Novembro de 2012.

Porém, solicitados os livros às instâncias devidas, não se obteve qualquer resposta e esta possibilidade foi posta de parte.

Assim, para a realização do trabalho de fundo coube-me o acompanhamento da produção do livro *O Vinho da Solidão*, de Irène Némirovsky, tendo-me sido atribuídas as tarefas de revisão, de elaboração do texto para a contracapa, de escolha de imagem para a capa e de divulgação da obra.

---

<sup>15</sup> Título da obra em português: *O Arquipélago da Insónia*.

<sup>16</sup> Título da obra em português: *Uma Viagem à Índia*.

### 3.2. O livro

*O Vinho da Solidão* é talvez a obra mais autobiográfica da autora. Relata a história de Hélène Karol, ignorada desde a infância pelos pais, e que cresce em permanente conflito com a mãe.

Dá a conhecer ao leitor um retrato da sociedade do pós-guerra, durante os “loucos anos 20”, focando a busca obsessiva dos adultos pela riqueza e uma sociedade que vive das aparências, realidade que desde sempre repugnou Hélène, mas com que se vê obrigada a conviver.

É na rica descrição dos locais onde decorre a acção, aos quais a autora associa o estado de espírito da personagem, conferindo-lhes novas dimensões, e no relato de grande autenticidade das cenas familiares, que a escrita de Irène Némirovsky brilha, com um cariz intimista, não obstante a sua clareza e vivacidade, enquanto conta simultaneamente a sua história e a da sua jovem heroína.

### 3.3. A revisão

A revisão foi feita sobre uma tradução da obra em confronto com o original francês, como já foi referido.

Apresentava vários problemas de tradução, estando em falta um parágrafo inteiro que não tinha sido traduzido: “Está bem! Se não me prometeres solenemente que me vens ver amanhã, eu vou passar toda a noite a telefonar para aí, até que a tua mãe me ouça! Não me ponhas à prova, Hélène, tu não me conheces! Eu arranjo outras além de ti!”<sup>17</sup>. Careceu igualmente de correcções gramaticais como: “E os avós? Não **vão vir** para cá?”, que teve de ser substituído por **virão**, ou “**ouviam-se** bater”, substituído por “**ouviam-se** bater”<sup>18</sup>.

Outra dificuldade que o texto apresentou foi a de saber se se devia ou não traduzir os nomes das ruas e localidades. Isto porque, embora em alguns casos, como por exemplo *Champs Elysées*, se faça habitualmente a transposição para português co-

---

<sup>17</sup> *O Vinho da Solidão*, p. 187.

<sup>18</sup> Idem, pp. 68 e 189, respectivamente.

mo Campos Elísios, o mesmo não se verifica quando são referidos outros locais de Paris, e era necessário manter uma uniformidade ao longo do texto. Assim, optou-se por manter os nomes de todos os espaços em francês (ex: Allée des Acacias, Promenade des Anglais ou Place Vendôme)<sup>19</sup>.

### 3.4. A capa

A capa seguiu o *design* das capas tradicionais. Porém, dado que outras obras da autora já publicadas pela editora (*Os Cães e os Lobos*, *O Baile* e *David Golder*) se apresentam com imagem a preto e branco, tinha de se manter essa linha, verificando-se aqui uma fusão de capas tradicionais com capas de autor.

Foi necessário encontrar uma imagem que, entre pinturas ou fotografias, fosse a preto e branco. Após uma pesquisa inicial selecionei algumas, eliminando as que, não obstante a qualidade, não faziam qualquer referência à sua fonte.

Assim, cheguei a acordo com o editor para a escolha da imagem intitulada *Paris Mist* da colecção Umbrella Series, de Jeni Robertson, uma pintura acrílica, que apenas tinha o senão de ser a cores, pormenor que poderia ser alterado.



Fig. 7 - *Paris Mist* - Colecção Umbrella Series, de Jeni Robertson

---

<sup>19</sup> *O Vinho da Solidão*, pp. 57, 60 e 156, respectivamente.

Procedi então à elaboração de um *e-mail* a solicitar à autora autorização para o seu uso, o qual foi enviado através do endereço electrónico da empresa após verificação da assistente editorial.

Dada a falta de resposta, passados quinze dias, foi enviado à pintora um segundo *e-mail*, também elaborado por mim, a alertar para a urgência na resposta, que finalmente chegou com uma recusa de cedência dos direitos de publicação (Anexo V).

Excluída esta possibilidade, foi necessária uma nova pesquisa. Desta feita, o editor forneceu-me um conjunto de livros de fotografias<sup>20</sup> (exemplos de sugestões extraídas dos livros nas figs. 8 e 9), com base nos quais escolhi a imagem que veio a constituir a capa do livro.



**Fig. 8**  
***The merry-go-rounds of Mr. Barre*, de Robert Doisneau**



**Fig. 9**  
***Le Café La Tartine*, de Édouard Boubat**

Na escolha das capas, para além da qualidade estética das imagens, tive em conta não só o título da obra, como o seu conteúdo, procurando que estas reflectissem o sentimento de solidão por um lado e, por outro, que pudessem ser contextualizadas com

---

<sup>20</sup> *Fotografia: Os Mestres*, Carolina Orlandini, ed. Scala; *Henri Cartier-Bresson: The Modern Century*, Peter Galassi, ed. Thames and Hudson; *Fotografia do Século XX: Museu Ludwig de Colónia*, Reinhold Mibelbeck, ed. Taschen; *Jeanloup Sieff*, Jeanloup Sieff, ed. Taschen; *Alain Fleischer*, col. Photo Poche, vol. 62, ed. Thames and Hudson; *Camera Work: Stieglitz, Steichen and Their Contemporaries*, Françoise Heilbrun, col. Photo Poche, vol. 6, ed. Thames and Hudson.

um dos locais onde decorre uma boa parte da acção do romance, a casa da protagonista e a cidade de Paris.

De entre as três hipóteses de capa inicialmente previstas, a escolha final incidiu na que continha a imagem *Café de Flore, de manhã cedo*, de Jeanloup Sieff (1975), em Paris, tendo reunido o agrado e o consenso não só do editor como também do *designer* da casa (Figs. 10 e 11).

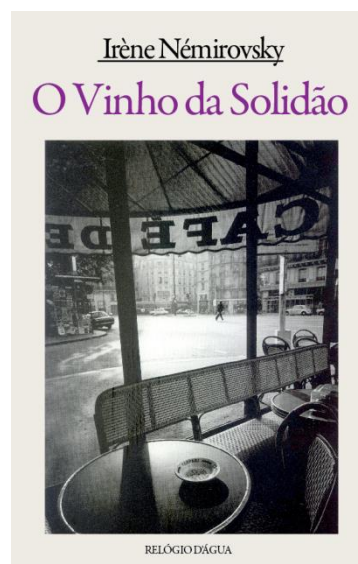
O tipo de letra escolhido para o *lettering* da capa (brochada ou mole) foi *Garamond*, tamanho cinquenta e seis para o título e trinta e seis para o nome da autora. Quanto às dimensões, apresenta-se com 15,5cm de largura por 23,5cm de altura, e 16,5mm de lombada.

Proposta de capa



**Fig. 10**  
*Café de Flore, de manhã cedo,*  
de Jeanloup Sieff

O resultado final



**Fig. 11**  
Capa do romance *O Vinho da Solidão*,  
publicado em Fevereiro de 2013

### 3.5. A contracapa

Para além da revisão e da escolha da capa redigi igualmente um texto para a contracapa da obra. Foi escrito de raiz, após leitura completa do romance e revisão das respectivas provas. Na sua realização, não só tive em linha de conta informações sobre a

obra, como também avaliei outras contracapas já existentes a nível mundial. Após os inevitáveis ajustes do editor, atingiu-se a versão final (Anexo VI).

A título de curiosidade, note-se que o artigo de Filipa Melo, na edição de Março de 2013, da revista *Ler*, vai de encontro ao texto que redigi para a contracapa: “De facto, poucas obras como a dela se relacionam de forma tão indestrinçável com a biografia do seu autor. A obra de Irène Némirovsky é determinada por uma tortuosa busca de identidade, com origem na sua difícilíssima relação com a mãe, que sempre a viu como uma rival”<sup>21</sup>.

### **3.6. O *Press-Release***

O passo seguinte consistiu na comunicação da publicação do livro. Assim, para a sua promoção, foi enviado por *e-mail* um *Press-Release* para uma lista de contactos, com a indicação da data da publicação, dos nomes dos tradutores, dos livros da autora já publicados pela editora e de um excerto da contracapa que desse a conhecer a história do livro (Anexo VII).

O meio utilizado para esta promoção confirma a preferência da Relógio D'Água por um tipo de divulgação que não passa pelos lançamentos. Esta afirmação é tanto mais correcta quanto o próprio editor tem a este respeito a opinião de que os lançamentos podem ser “uma ocasião para o autor reunir os amigos”<sup>22</sup>, mas onde os *media* só marcarão presença se o mesmo também for jornalista. A isso acrescenta não ser boa ideia contar à partida com a intervenção do editor, pois há-os “tão reservados que preferiam ser obrigados a ler um livro de Fátima Lopes do que a falar em público”<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> Revista *Ler*, p. 79.

<sup>22</sup> *Autores, Editores e Leitores*, Francisco Vale, p. 37.

<sup>23</sup> *Idem*, *Ibidem*.

## 4

# Edição – que futuro?

«A edição de livros é por natureza uma indústria artesanal, descentralizada, improvisada e pessoal; realizam-na melhor pequenos grupos de pessoas com ideias afins, consagradas à sua arte, ciosas da sua autonomia, sensíveis às necessidades dos escritores e aos diversos interesses dos leitores» (Jason Epstein)

### 4.1. Edição – Uma profissão de risco no século XXI?

A afirmação de Epstein constitui o paradigma pelo qual se pautam a generalidade das editoras independentes, como é o caso da Relógio D'Água. E é do seu editor a interrogação que serve de título a uma breve mas imprescindível abordagem ao tema do futuro da edição.

No mundo actual é cada vez mais patente uma proliferação desenfreada de interesses, formas de lazer, culturas, inovações tecnológicas e comunicacionais que concitam e disputam a nossa atenção e capacidade de entendimento.

Neste contexto babilónico de vertiginosas oscilações sociopolíticas, económicas e culturais, a edição de livros enquanto indústria geradora de lucro encontra-se numa difícil encruzilhada, a requerer necessariamente sérias decisões por parte dos empresários deste sector produtivo, a fim de se adaptarem e se prepararem para a nova paisagem editorial que se perspectiva para as próximas décadas, face à invasão do campo da comunicação pelas novas tecnologias.

Dada a já larga teorização existente sobre este assunto, na convicção de um correcto enquadramento dos ensinamentos adquiridos nas aulas deste mestrado, na componente prática realizada e na bibliografia consultada, opto aqui por salientar as questões mais prementes que se colocam neste sector, não só no âmbito nacional como internacional.

## 4.2. O livro de papel vs o livro electrónico

Como se não bastasse o flagelo da cópia ilegal<sup>24</sup>, as novas tecnologias vieram aumentar as nuvens que pairavam sobre o sector da edição livreira.

Antes de mais, importa assim referir a grande dúvida que a todos se coloca neste âmbito, como seja a de saber qual será o grau de sobrevivência do livro impresso. Será ele suplantado pelo electrónico ou os dois formatos coexistirão pacificamente no futuro próximo? Será o mercado suficientemente abrangente para esta diversidade?

Quanto ao número de consumidores, no que diz respeito ao livro impresso, até à data, o progresso não impediu o desenvolvimento do sector. Têm sido publicados cada vez mais livros, sobre os mais diversos assuntos e de autorias inverosímeis. Citando o *Harper's Magazine* de Dezembro de 2000, Gabriel Zaid<sup>25</sup> refere que “por cada livro publicado nos Estados Unidos, ficam nove manuscritos por publicar”, e salienta que os livros dirigem-se mais “às clientelas segmentadas” do que a um “mercado indiferenciado de massas”.

Do mesmo modo, o escritor Umberto Eco, que acaba de lançar um livro<sup>26</sup> em co-autoria com o escritor e dramaturgo Jean-Claude Carrière, afirma que o que se irá verificar é uma diarquia dos dois tipos de livros, e que para os impressos se continua a poder contar com entusiastas suficientes para sustentar um próspero mercado deste produto. Acrescenta ainda que se “os *e-readers* absorverem todo o mercado de livros descartáveis, as livrarias do passado poderiam novamente ser boas para algo: elas se tornariam lugares para onde os aficionados iriam à procura dos livros que você não joga fora”<sup>27</sup>.

---

<sup>24</sup> Veja-se o *Estudo do Sector de Edição e Livrarias e Dimensão do Mercado da Cópia Ilegal*, encomendado pela APEL e realizado pelo ISCTE, publicado em Março de 2012. Pode-se ler aí que em Portugal “A cópia ilícita compromete uma fatia considerável de negócio dos sectores da edição, distribuição e venda de livros técnicos” e que “amputa, assim, grande parte dos resultados do sector, tendo, por isso, um impacto negativo no emprego, nos fornecedores e nas receitas fiscais”.

<sup>25</sup> Escritor, poeta e intelectual mexicano. Conforme *Livros de Mais*, p. 57.

<sup>26</sup> O livro foi publicado com o título *Non contem com o fim do livro*, pela editora Record, no Brasil; *Non Sperate di liberarvi dei libri*, em Itália, pela Bompiani; *N'espérez pas vous débarrasser des livres*, em França, pela Grasset. Em Portugal, editado pela Difel, recebeu o título *A Obsessão do Fogo*. A meu ver um título pouco feliz, porquanto penso que pouco ou nada diz sobre o conteúdo.

<sup>27</sup> <http://noticias.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/umberto-eco/2012/03/09/relatos-que-dizem-que-o-livro-esta-morto-sao-altamente-exagerados.htm>



Quanto ao grau de sobrevivência do livro impresso, as opiniões têm-se dividido. De um lado e do outro da barricada perfilam-se vozes de estudiosos e entendidos. Enquanto umas alvitram o seu desaparecimento puro e simples, outras surgem em defesa cerrada da sua perenidade.

Desde 1972<sup>28</sup>, ocasião em que Fernando Guedes<sup>29</sup> salientava que “fala-se pela primeira vez dos benefícios que os editores podiam já retirar dos computadores”, a Março de 2002, data em que o *Diário de Notícias* referia que “o livro em papel está em vias de recuperar o seu lugar por inteiro”<sup>30</sup>, muitos foram os altos e baixos que percorreram o mundo da edição, tendo a balança pendido ora para o livro digital ora para o impresso, sem que se mostrasse possível uma resposta definitiva para a interrogação atrás formulada.

Na defesa intransigente do livro impresso podemos contar com Zaid, que na sua obra *Livros de Mais* nos recorda que, apesar de todo o progresso civilizacional existente, nunca alguém renunciou “o desaparecimento do fogo, da roda ou do alfabeto” não obstante estas invenções “provirem de povos subdesenvolvidos”, e que embora não falem profetas a anunciar o desaparecimento do livro, “em plena era «sem papel», ainda há muita gente a labutar em escritórios que prefere trabalhar sobre cópias impressas do que sobre o ecrã”.

Tal como Zaid, também Umberto Eco, em entrevista concedida ao jornalista Ubiratan Brasil, do *Estado de São Paulo*<sup>31</sup>, em Março de 2010, sai em defesa do livro, dizendo “que a presumível morte do suporte papel da escrita é uma obsessão de jornalistas que lhe fazem a pergunta há 15 anos”, e acrescenta que para ele “o livro é como uma

---

<sup>28</sup> Ano de realização do 19º Congresso da UIE (União Internacional de Editores), eleito por iniciativa da UNESCO o Ano Internacional do Livro. Conforme Jorge Manuel Martins, *Profissões do Livro*, p. 82.

<sup>29</sup> Fernando Guedes fundou a Editorial Verbo em 1958 e foi o seu Presidente do Conselho de Administração até 2009. Entre muitas outras actividades, presidiu às direcções do Grémio Nacional de Editores e Livreiros de 1968 a 1972, e da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, que àquele sucedeu, de 1982 até 1986. Foi Presidente do Grupo de Editores de Livros da CEE e da Federação de Editores Europeus (1988-1990) bem como Presidente da União Internacional de Editores (1992-1996), da qual é Presidente Honorário. Foi também Consultor da CEE (1986-1974) e da UNESCO em diversas actividades desta Organização, sendo actualmente Vice-Presidente do Fundo Internacional para a Promoção da Cultura.

<sup>30</sup> Referência alicerçada na opinião dos realizadores do Salão do Livro de Paris de 2002. Conforme Jorge Manuel Martins, *Profissões do Livro*, p. 83.

<sup>31</sup> Jornal brasileiro fundado com base nos ideais de um grupo de republicanos a 4 de Janeiro de 1875.

colher, um machado, uma tesoura, esse tipo de objecto que, uma vez inventado, não muda jamais. Continua o mesmo e é difícil de ser substituído”, para concluir que “o livro ainda é o meio mais fácil de transportar informação”<sup>32</sup>.

O mais fácil e provavelmente o que oferece maior segurança. Como refere Eco na mesma entrevista, em conversa tida com o Director da Biblioteca Nacional de Paris, este ter-lhe-ia confidenciado que, não obstante ter digitalizado praticamente todas as obras da biblioteca, mantivera o suporte em papel como medida de segurança.

Na verdade, os equipamentos electrónicos, como produtos que incorporam um alto grau de conhecimento científico e técnico, estão sujeitos a uma constante evolução, apresentando um breve e imprevisível ciclo de vida. Aspecto que se traduz, sem dúvida, numa menos-valia do *e-book*.

É assim que, em cerca de trinta anos, vemos as antigas disquetes tornarem-se ilegíveis pelos computadores actuais, com o disco flexível a ser substituído pelo rígido, este pelo DVD, o DVD pelo *flash drive*. Ao invés, os livros impressos, alguns com mais de cinco séculos e pergaminhos de dois mil anos, ainda hoje podem ser consultados.

Também a questão da pirataria informática, a que acresce o ainda alto custo dos *hardware* e *software* exigidos para a leitura do livro electrónico, constituem outros entraves poderosos à sua plena expansão.

A dificultar a vida a este tipo de livro há que ressaltar igualmente mais duas grandes questões, a saber: a problemática relativa à complexa legislação sobre a propriedade intelectual e a avaliação do futuro enquadramento profissional dos, até agora, habituais intervenientes na produção e difusão deste produto.

Por outro lado, as novas tecnologias também são portadoras de grandes vantagens, pois possibilitam o sistema de impressão a pedido (POD), que permite que sejam impressos poucos ou até um único exemplar de certos livros raros, com interesse para um restrito grupo de leitores. Tornam também mais fácil a manutenção de um fun-

---

<sup>32</sup> <http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,eletronicos-duram-10-anos-livros-5-seculos-diz-umberto-eco,523700,0.htm>

do de catálogo e contribuem para a redução dos *stocks*, conferindo maior rentabilidade às empresas.

A enorme capacidade de armazenamento de informação dos equipamentos, a rapidez de busca de palavras e de acesso a partir de uma palavra a vários outros textos (hipertexto), a rapidez de acesso a toda a espécie de documentos – textos, sons ou vídeo – no mesmo ecrã (hipermédia), são aspectos que jogam a favor da edição electrónica.

Permite, ainda, obviar ao transporte de certos textos de consulta e concorrem para o acesso à leitura àqueles que, tendo maior dificuldade de visão, beneficiam da ampliação da imagem, e reduzem drasticamente o espaço físico destinado aos excedentes, o que se traduz em outros tantos aspectos positivos.

Da supremacia da edição electrónica de livros, no final da primeira década do século XXI, dá-nos conta o Director da Feira do Livro de Frankfurt, Jürgen Boos. Na apresentação, subordinada ao título “Roteiro das Tendências Editoriais 2012”<sup>33</sup>, comunica-nos que neste campo já chegámos “ao ponto de ser capazes de identificar tendências e padrões específicos apontando o caminho para possíveis desenvolvimentos”.

Boos assinala que o universo editorial se encontra em franca expansão e num estado de “disrupção transformadora”, e acrescenta que embora “grandes áreas ainda se encontrem inalteradas”, outras “já se mudaram radicalmente para um novo território”, transformando a “galáxia de Gutenberg em algo novo”.<sup>34</sup>

Salienta ainda a verificação de uma mudança de paradigmas no campo da edição e identifica as três grandes resultantes desta mudança: “novos modelos de negócio, novas competências e novos padrões culturais”<sup>35</sup>, que esquematiza numa nova cadeia de valor, apresentada na página seguinte (Fig. 12).

No entanto, afirma que, a par das mudanças, a capacidade inventiva, a criatividade, a captação de uma imagem ou a transmissão de uma informação, “eternas

---

<sup>33</sup> Conferência de imprensa realizada na Feira do Livro de Frankfurt em 9 de Outubro de 2012, [http://blog.book-fair.com/2012/10/09/roadmap\\_2012/](http://blog.book-fair.com/2012/10/09/roadmap_2012/). Todas as citações relativas a esta apresentação resultam de tradução livre efectuada pela mestrandia.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> Idem.

constantes do universo editorial”<sup>36</sup>, continuam a ser apanágio da inteligência humana e permanecem na sua inteira dependência.

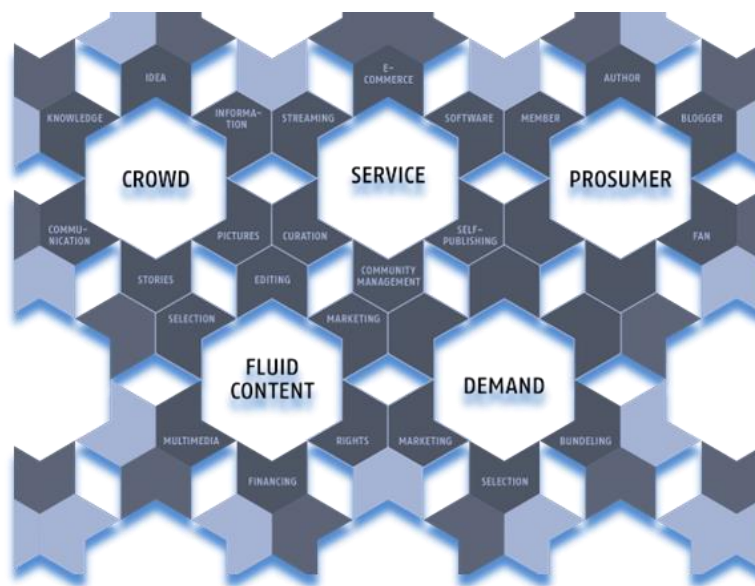


Fig. 12 - Nova Cadeia de Valor da edição <sup>37</sup>

Jürgen Boos faz também notar que a capacidade para separar o trigo do joio, de reconhecer, produzir e comercializar o melhor, se mantém como tarefa exclusiva dos editores, constituindo a tecnologia apenas uma parte do processo, e sublinha que “é o poder das ideias que impulsiona o mercado”<sup>38</sup>.

Também Jorge M. Martins nos chama a atenção para este aspecto, ao lembrar que a «nova economia» baseada no comércio electrónico, implodindo em várias frentes, não produziu os assombrosos resultados que se preconizava no final do século XX, salientando que dessa euforia dos anos 90 o que sobrou foi a inteligência e o conhecimento humanos que reapareceram “como grande activo da «nova» economia”<sup>39</sup>.

À revista italiana *L'Espresso*, de 5 de Agosto de 2010, Eco confia que “nem o livro em papel se encolherá num cantinho, humilhado por uma presumível ultrapassagem, nem o livro digital o poderá substituir. Coabitarão, e nisso vejo progresso e uma ulterior vantagem para incentivar um maior número de leitores”<sup>40</sup>.

<sup>36</sup> [http://blog.book-fair.com/2012/10/09/roadmap\\_2012/](http://blog.book-fair.com/2012/10/09/roadmap_2012/)

<sup>37</sup> Imagem retirada de [http://blog.book-fair.com/2012/10/09/roadmap\\_2012/roadmap\\_new\\_valuechain/](http://blog.book-fair.com/2012/10/09/roadmap_2012/roadmap_new_valuechain/)

<sup>38</sup> [http://blog.book-fair.com/2012/10/09/roadmap\\_2012/](http://blog.book-fair.com/2012/10/09/roadmap_2012/)

<sup>39</sup> *Profissões do Livro*, p. 92.

<sup>40</sup> <http://espresso.repubblica.it/dettaglio/non-fate-il-funerale-ai-libri/2132084>

Fundamental, porém, é que os livros continuem a ser procurados e lidos, que consigam comunicar-nos ideias, penetrar e alterar o nosso estado de espírito, transformar as nossas vidas.

### 4.3. Enfrentar a mudança

O aspecto mais importante em todo este contexto, e salientado por todos os estudiosos do sector da edição livreira, prende-se com o facto de a principal mudança se estar a verificar sobretudo na área dos padrões culturais, ou seja, na área do consumidor/leitor.

Chegar ao leitor, alcançar o maior número de destinatários, é, como sempre foi, o objectivo primeiro e último de toda a comunicação. Comunicar é também uma das prioridades da UNESCO<sup>41</sup>, sendo através do livro que postula o cumprimento dessa finalidade.

Na mesma senda, no que toca ao livro electrónico, Boos diz que é preciso garantir “que todo o material é potencialmente capaz de chegar a todos os destinatários, ou seja, que todos são capazes de participar na diversidade dos conteúdos”<sup>42</sup>. Assim, o importante não é se as crianças lêem electronicamente ou em papel, mas garantir a qualidade do que lêem e como lêem, isto é, garantir que serão capazes de interpretar correctamente o que lêem.

E essa é também uma das preocupações que Umberto Eco manifesta, advertindo para o uso indiscriminado dos conteúdos da Internet. Compara a Internet a uma personagem Borgiana, Funes, cuja capacidade de memória era infinita, porém incapaz de seleccionar o que era realmente importante. Diz Eco que o “problema básico da Internet depende da capacidade de quem a consulta. Sou capaz de distinguir os *sites* confiáveis de filosofia, mas não os de física. Imagine então um estudante fazendo uma pesquisa sobre a 2.ª Guerra Mundial: será ele capaz de escolher o *site* correto?” Educar para uma boa escolha dos conteúdos “será o problema crucial da educação nos próximos anos”.

---

<sup>41</sup> Para a UNESCO, o livro apresenta-se como “meio indispensável para facilitar a livre circulação das ideias, através da palavra e da imagem, com vista à promoção da justiça e da paz”.

<sup>42</sup> [http://blog.book-fair.com/2012/10/09/roadmap\\_2012/](http://blog.book-fair.com/2012/10/09/roadmap_2012/)

A alteração dos paradigmas culturais é, assim, um facto incontornável nos nossos dias, implicando uma mudança profunda no campo da edição de livros e impondo aos editores que repensem o seu papel na sociedade, na busca de um mais perfeito equilíbrio entre a sua posição de actor cultural e actor económico.

Na opinião de Dubini, “a introdução de novas tecnologias de difusão da informação [...], permitiu a entrada de novos agentes e determinou [...] uma mudança radical no modo de aceder e utilizar a informação”<sup>43</sup>, obrigando as editoras a repensarem o seu papel.

No dizer dos entendidos é também chegado o tempo do “abandono da estratégia clássica do leitor à procura do livro, em favor de uma estratégia de sentido oposto, a do livro à procura do leitor”<sup>44</sup>, devendo-se prestar uma atenção redobrada à zona da Fileira do Livro<sup>45</sup> que se ocupa da distribuição e comercialização.

Para tal aconselha-se os editores a tirarem proveito das vantagens que a Internet pode proporcionar na simplificação e valorização do trabalho individual, e a canalizarem a estratégia profissional para áreas onde se podem diferenciar dos seus concorrentes. Sugere-se que “devem manter e alargar a sua quota de mercado no *business* tradicional enquanto procuram identificar as modalidades mais apropriadas para competir no sector da edição electrónica”<sup>46</sup>.

Assim, a construção de um fundo de catálogo forte, não obstante constituir uma forma tradicional de rendibilidade, por representar cerca de 25 a 30 por cento das vendas de uma editora média, continua a ser fundamental nos negócios modernos.

Encoraja-se o uso das novas tecnologias como meios auxiliares no reforço do património, propondo-se a sua utilização para a melhoria da qualidade do serviço a prestar, das traduções e revisões e da apresentação gráfica. Uma boa selecção e *design* do produto apresenta-se crucial, dado que uma maior especialização do produto irá estabelecer a diferença face à possibilidade da rápida comparação de ofertas existentes que a Internet proporciona ao consumidor.

---

<sup>43</sup> José Afonso Furtado, *A Edição de Livros e a Gestão Estratégica*, p. 121.

<sup>44</sup> (Artur Anselmo, 1985: 1221), conforme Jorge M. Martins, *Profissões do Livro*, nota 24, p.113.

<sup>45</sup> Ver a Fileira do Livro em Portugal (Anexo VIII).

<sup>46</sup> José Afonso Furtado, *A Edição de Livros e a Gestão Estratégica*, p.124.

Incentiva-se a integração das aplicações informáticas na cadeia de valor da edição para complementar as formas de competir tradicionais.

Por outro lado, segundo Manuel Castells, “A reestruturação organizacional permitida pelas tecnologias de informação e estimulada pela concorrência global” veio alterar a concepção do trabalho assalariado da era industrial e recolocar a tónica na “individualização do trabalho no processo de trabalho”<sup>47</sup>.

Assim, no contexto de crise económica que o mundo ocidental atravessa, a que se associam níveis históricos de desemprego, é óbvia a necessidade premente de se repensar as profissões e dotar as pessoas de novas ferramentas educativas e de formação profissional, para que as possam desempenhar com competência e se possa atingir um novo estado de bem-estar social.

Nesta época de profundas alterações de paradigmas, quer culturais quer sociais, a educação e a cultura constituem os instrumentos *sine qua non* para se fazer face à mudança. Como diz Eco, “o cérebro humano é adaptável às necessidades”.

O investimento profundo numa política educacional e cultural de qualidade afigura-se como o caminho certo a trilhar para o alcance de todos os benefícios, não sendo certamente com cortes no orçamento destinado à educação ou diminuindo a qualidade de formação dada aos alunos, como tem acontecido em Portugal<sup>48</sup>, que o iremos atingir.

---

<sup>47</sup> Apud. Jorge M. Martins, *Profissões do Livro*, p. 91.

<sup>48</sup> Em entrevista conduzida por Marco Leitão Silva, a 16 de Junho de 2010, Maria do Carmo Vieira, no ensaio publicado através da Fundação Francisco Manuel dos Santos *O ensino do Português*, afirma que “A escola não pode permanecer tal como está, porque já bateu fundo — e não só em relação ao ensino do português, mas em várias outras matérias. Estamos a ensinar na base daquilo que é fácil, do que não exige esforço, nem trabalho. Estamos a fomentar gerações e gerações de alunos que não pensam, nem sequer sabem falar ou escrever”, <http://relogiodaguaeditores.blogspot.pt/2010/06/entrevista-de-maria-do-carmo-vieira.html>

## 5

### Reflexão final

É chegado agora o momento de uma reflexão final sobre o que sou tentada a considerar como a minha primeira participação no mundo do trabalho, ainda que inserida no contexto de um estágio curricular. Este aspecto não minora a importância de que se revestiu esta oportunidade única de conhecer por dentro uma empresa do género onde tão bem me senti rodeada por todos os lados dos meus fiéis amigos: os livros.

Durante os meses de duração do estágio, pude observar que, apesar de a dimensão da Relógio D'Água não permitir a sua divisão em vários departamentos com funções específicas, esse facto não cria entraves a um bom funcionamento e rentabilidade da editora. Com os empregados de que dispõe, o trabalho é processado de forma eficiente, mercê do desempenho experiente que cada um coloca nas tarefas que lhes são cometidas e para as quais se encontram preparados.

Como já referido na introdução a este trabalho, apesar de cada empregado ter uma atribuição específica, o seu desempenho estende-se a todas as tarefas necessárias ao bom funcionamento da empresa, que prosseguem sempre com o mesmo entusiasmo. Esta atitude demonstra um espírito de colaboração saudável do qual tive muito gosto em fazer parte.

Deste modo, a máquina empresarial mantém-se bem oleada, podendo contar incondicionalmente com a colaboração dos seus elementos no que é importante para o sucesso da casa.

Fiel ao princípio de se apresentar ao público como um “projecto cultural”, que proporcione uma abertura de horizontes, realizando uma efectiva transmissão de conhecimentos, a Relógio D'Água mantém a sua rota no oceano dos grandes grupos editoriais, traçada pelas preferências e autonomia do seu editor sem descurar os diversos interesses dos leitores, indiferente à sedução dos chamados *best-sellers*. Continua, assim, uma aposta na criatividade, visando “entusiasmar o leitor no que lhe parece mais original em ficção e ensaio”, conforme se pode ler na introdução à sua *Agenda 2013*.



Nesta fase de balanço do estágio também se torna inevitável avaliar as aprendizagens colhidas no mestrado em Edição de Texto, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e a importância de que se revestem para o aluno, com vista a uma melhor integração deste no mercado de trabalho em geral e para a actividade que se desenvolve numa editora em particular, como foi o meu caso.

Assim, do seminário de *História e Sociologia do Livro*, ministrado pelo professor João Luís Lisboa, não obstante se apresentar de pouca aplicabilidade à actividade editorial, ficaram os ensinamentos relativos à evolução do livro e da edição ao longo dos tempos e à assimilação de conceitos para a compreensão do livro enquanto objecto.

Quanto ao seminário de *Crítica Textual*, leccionado pelo Professor Fernando Cabral Martins, revelou-se útil para a actividade de revisão desenvolvida no estágio, uma vez que nos exercícios realizados nas aulas era necessário ter em conta as diversas edições de um texto, analisar as suas especificidades literárias, contexto editorial e diferenças entre as várias fontes, com vista à fixação do texto original. Da mesma forma, nas revisões que efectuei na Relógio D'Água tinha que analisar as provas, a edição a partir da qual as provas eram digitalizadas e o original da obra, não podendo descurar nenhum destes textos, de forma a melhorar aquilo que viria a ser o texto final.

Relativamente aos seminários de *Teoria da Edição* e de *Técnicas de Edição*, da responsabilidade do professor Rui Zink, a sua importância traduz-se não só em utilidade como especialmente na sua adequação prática a todas as tarefas que se me depararam no processo da edição de livros, pois permitiram, além da aprendizagem de conceitos genéricos, a prática da redacção de importantes peças no contexto editorial, como *Press-Release*, textos de contracapa, realização de exercícios de tradução, de exercícios de revisão de textos com os tão essenciais sinais de correcção, bem como a análise de capas, tendo em conta o conteúdo do livro e a integração deste no catálogo da editora.

*Informática para a Edição e Edição Electrónica*, os restantes dois seminários do Mestrado, leccionados pelos professores Paula Neves e Pedro Sousa, possibilitaram a aquisição de conhecimentos para a utilização de programas que são da maior utilidade numa editora, tais como o Photoshop, para a elaboração de capas, e o Indesign,

para a paginação. Apesar de eu não os ter aplicado, pude constatar o quão essenciais se revelam para a actividade da edição.

Ao atingir a conclusão deste mestrado, de entre os conhecimentos adquiridos ao longo da sua frequência, o aspecto que foi alvo de uma reflexão no capítulo anterior, pela sua actualidade e possível repercussão num futuro profissional, foi o que mais despertou o meu interesse.

Com efeito, não obstante haver já editoras, em Portugal, que se dizem preparadas para produzir livros electrónicos, essa preparação não se tem traduzido em resultados práticos, mantendo-se todas na expectativa de saber qual será a receptividade do público a esse produto<sup>49</sup>. Uma vez que os portugueses têm fracos hábitos de leitura, não se apresentando como grandes consumidores sequer de livros em papel, a aposta no livro digital pode revelar-se inútil, produzindo vendas ainda inferiores às do suporte em papel. No entanto, quer-me parecer que sem uma verdadeira iniciativa por parte das editoras nessa produção e enquanto a mentalidade dominante for a necessidade de defender que o livro digital “não é uma ameaça”, como afirma Helena Rafael, da Gradiva, também não será possível aferir qual será a verdadeira receptividade ao livro digital por parte do público nacional, mantendo-se o impasse actual.

Se é verdade que a questão do fim do livro se apresenta repetidamente contestada por vários protagonistas, não podemos deixar de pensar que essa posição pode, igualmente, ser vista como a expressão de alguma angústia face a um futuro incerto do sector da edição.

---

<sup>49</sup> À excepção de Paulo Gonçalves, responsável pelo Gabinete de Comunicação e Imagem da Porto Editora, que afirma que a sua empresa é a que está mais preparada “devido a anos e anos de aposta nos conteúdos em DVD, CD e telemóveis” (com efeito, a livraria *online* Wook, pertencente a este grupo editorial, já comercializa *e-books*), tanto o director editorial da Bertrand, Eduardo Boavida, segundo o qual a empresa está atenta “a diversos domínios da tecnologia para perceber os hábitos das pessoas”, como o director de comunicação da Leya, José Menezes, que diz que a estratégia “está a ser debatida internamente e será divulgada em momento oportuno”, não apresentam qualquer projecto para o desenvolvimento do livro electrónico (<http://www.cmjornal.xl.pt/noticia.aspx?contentid=711E03A9-E02F-4B4B-9340-CB32068AC271&channelid=00000013-0000-0000-0000-000000000013>). Também Francisco Vale, editor da Relógio d'Água, afiança estar a analisar “as diferentes plataformas para a divulgação do livro digital que vão instalar-se em Portugal”, mas por enquanto continuará a utilizar o suporte papel por se apresentar mais vantajoso (*in Autores, Editores e Leitores*, p. 27).

Neste momento de despedida da vida académica, ao longo da qual pude testar a minha capacidade de adaptação às várias reformas que vieram a ser introduzidas no campo do ensino, todas encaradas com curiosidade, entusiasmo e de forma positiva, não posso deixar de expressar inquietação pela nova realidade que se desenha no horizonte, a entrada no mundo do trabalho, justificada pelos níveis de desemprego de jovens com ensino superior no país.

Assim, apesar do período de profunda instabilidade que Portugal atravessa quer no aspecto económico, quer social ou profissional, e bem assim de fortíssima alteração de paradigmas sociais e laborais com que somos confrontados, espero e confio que a aprendizagem académica que concluo com a apresentação deste relatório e que teve como corolário a realização do estágio na Relógio D'Água, tenha sido a aposta certa na composição da mais importante bagagem que transporto para a minha vida futura.

# BIBLIOGRAFIA

## Bibliografia principal

- CALVINO, Italo, *Porquê ler os Clássicos?*, Lisboa, Editorial Teorema, 1994
- CALVINO, Italo, *Se numa Noite de Inverno um Viajante*, Lisboa, Teorema, 2000
- ECO, Umberto, *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas*, 14.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Editorial Presença, 2008
- EPSTEIN, Jason, *O Negócio do Livro: Passado, Presente e Futuro do Mercado Editorial*, Rio de Janeiro, Record, 2002
- ESTRELA, Edite, SOARES, Maria Almira e LEITÃO, Maria José, *Saber Escrever uma Tese e Outros Textos*, 5.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2007
- FURTADO, José Afonso, *A Edição de Livros e a Gestão Estratégica*, Lisboa, Booktailors, 2009
- MARTINS, Jorge Manuel, *Profissões do Livro – Editores e Gráficos, Críticos e Livreiros*, Lisboa, Verbo, 2005
- STEINER, George, *Depois de Babel: aspectos da linguagem e tradução*, Lisboa, Relógio D'Água, 2002
- VALE, Francisco, *Autores, Editores e Leitores*, Lisboa, Relógio D'Água, 2009
- ZAID, Gabriel, *Livros de mais – Ler e publicar na era da abundância*, Lisboa, Temas e Debates, 2008

## Obras consultadas

- ASCENÇÃO, José de Oliveira, *Direito de Autor e Direitos Conexos*, Coimbra, Coimbra Editora, 1992
- AZEVEDO, Mário, *Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares*, 6.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008
- GROSS, Gerald (org.), *Editors on Editing – An Inside View of What Editors Really Do*, Nova Iorque, Harper & Row, 1985

## Dicionários

- Dicionário da Língua Portuguesa*, Coordenação e Edição Texto Editores, Lda.
- Lello Universal, Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro*, Porto, Lello & Irmão Editores.

# WEBGRAFIA\*

<http://bibliotecariodebabel.com/>  
<http://blog.book-fair.com>  
<http://blogtailors.com/>  
<http://en.wikipedia.org/>  
<http://espresso.repubblica.it>  
<http://ine.pt>  
<http://portaldasartesgraficas.com>  
<http://relogiodaguaeditores.blogspot.pt/>  
<http://unesdoc.unesco.org>  
<http://www.amazon.co.uk/>  
<http://www.apel.pt/>  
<http://www.apescritores.pt/>  
<http://www.cmjornal.xl.pt/>  
<http://www.estadao.com.br/cultura/>  
<http://www.fpa.es/es/>  
<http://www.jerusalembookfair.com>  
<http://www.nobelprize.org/>  
<http://www.penclubportugues.org/>  
<http://www.portaldaliteratura.com>  
<http://www.publico.pt/cultura>  
<http://www.publico.pt/cultura>  
<http://www.pulitzer.org/>  
<http://www.relogiodagua.pt/>  
<http://www.themanbookerprize.com/>  
<http://www.wook.pt/>

\* Todos os *sites*, *blogs* e artigos *online* foram consultados entre Novembro de 2012 e Janeiro de 2013

ANEXOS

# Anexo I

## PLANO DE ESTÁGIO



### Plano de Estágio na Relógio D'Água Editores

de **Mónica dos Santos Álvares Rodrigues**,

aluna de Mestrado em Edição de Texto da Universidade Nova de Lisboa

Orientação científica do Professor Doutor Rui Zink

Setembro de 2012 a Fevereiro de 2013

---

O estágio, a decorrer na sede da editora Relógio D'Água, em Lisboa, na Rua Sílvio Rebelo, nº 15, tem como objectivo a aquisição pela estagiária de competências práticas nos vários sectores da actividade editorial em complemento da formação teórica adquirida na componente lectiva do Mestrado em Edição de Texto.

Com a sua realização, pretende a estagiária integrar-se na empresa, de forma tão abrangente quanto possível, para o que se propõe desempenhar de modo responsável, útil, e produtivo, as diversas tarefas que lhe forem cometidas, sob devida orientação.

Neste contexto, a estagiária irá desenvolver as actividades a seguir descritas, podendo naturalmente ocupar-se de outras que se apresentem necessárias ao bom desempenho deste estágio:

### Revisão e Tradução

- Revisão de traduções (inglês-português e francês-português) em vias de publicação.
- Tradução de textos de contracapas (sinopse e biografia).
- Revisão de texto em primeiras provas, incluindo familiarização com termos técnicos.
- Tradução parcial de uma obra (inglês-português).

## **Opinião crítica**

Avaliação crítica de leituras.

## **Contracapas e badanas**

Elaboração de textos para contracapas e badanas.

## **Organização de uma colecção**

Organização e tratamento da colecção *Contos* ou da colecção *Ciência*.

## **Produção do objecto editorial - o livro**

- Acompanhamento dos trabalhos de pré-produção – paginação e revisão.

## **Comunicação e Marketing**

- Acompanhamento do processo de divulgação de um livro.
- Pesquisa na internet e na imprensa de notas e notícias sobre o mercado editorial com recolha de informação especializada, designadamente eventos literários (lançamentos, feiras do livro, prémios literários, mercado internacional do livro).
- Acompanhamento da actividade do mundo editorial.

## **Aspectos negociais**

- Familiarização com procedimentos ligados à compra de direitos de autor (autores estrangeiros) e contactos com agentes literários – fase pré-publicação.
- Investigação da receptividade pelo público e pela crítica das publicações produzidas, com apreciação e interpretação dos resultados comerciais



# Anexo II

## EXEMPLOS DE REVISÃO DE *ORGULHO E PRECONCEITO*

### CAPÍTULO 5

A pouca distância de Longbourn vivia uma família com a qual os Bennets se davam particularmente bem. *Sir William Lucas* tivera em tempos negócios em Meryton, onde amassara uma razoável fortuna, e ascendera ao grau de cavaleiro através duma petição ao rei, durante o seu mandato como provedor do concelho. A distinção subiu-lhe um pouco à cabeça, causando-lhe uma repentina aversão pelos negócios e pela sua residência numa vila mercantil; razão pela qual abandonou ambos, negócios e residência, e se mudou com a família para uma casa a cerca duma milha de Meryton, que passou então a ser conhecida como Lucas Lodge. Aqui, *Sir William* pôde dedicar-se a reflectir com prazer na sua própria eminência e a mostrar-se, agora que estava livre dos negócios, cortês com toda a gente. Pois, embora deliciado com o seu título, não se tornou por isso arrogante; pelo contrário, todo ele era atenções ~~para~~ com todo o mundo. Por natureza inofensivo, cordial e obsequioso, a sua apresentação em St. James serviu para lhe acrescentar o dom da cortesia.

*Lady Lucas* era uma boa senhora, mas não suficientemente esperta para se tornar útil à senhora Bennet enquanto vizinha. O casal tinha vários filhos, e o mais velho deles, uma jovem sensata e inteligente, com uns vinte e sete anos, era amiga íntima de Elizabeth.

Que as duas jovens se encontrassem para conversar depois de um baile, era absolutamente imprescindível; e no dia seguinte Charlotte Lucas foi a Longbourn para conversar com a sua amiga.

«Você começou muito bem a noite, Charlotte», disse a senhora Bennet, com exemplar um autodomínio e cortesia. «Foi a primeira a ser escolhida pelo senhor Bingley.»

«Sim, mas ele parece ter gostado mais da segunda»

«Oh, está a referir-se à Jane, suponho, pelo facto de ele ter dançado com ela duas vezes. Sim, parece ter ficado bem impressionado com ela — aliás, eu estou convencida que sim — ouvi qualquer coisa a tal respeito, mas já não me recordo ao certo — qualquer coisa relacionada com senhor Robinson.»

*with a bit of self-command*

tornarem insuportáveis; e é preferível não conhecer demasiado os defeitos da pessoa com quem vamos passar o resto da vida.»

«Fazes-me rir, Charlotte; mas isso não é razoável. Sabes que não é razoável, e que tu própria nunca agirias assim.»

Ocupada a observar as atenções do senhor Bingley ~~para~~ com a sua irmã, Elizabeth <sup>SH</sup> estava longe de suspeitar que ela própria era objecto dos olhares do amigo dele. Inicialmente, o senhor Darcy mal se dignara a reconhecer que ela era bonita, nem sentira qualquer atracção por ela durante o baile; e na vez seguinte em que se encontraram, não a observou senão com um olhar crítico. Mas depois de ter tornado claro para si próprio, e também diante dos seus amigos, que ~~para~~ quase não tinha no rosto um traço a que se pudesse chamar belo, o senhor Darcy começou a achar que a expressão dos seus olhos escuros lhe dava ao rosto uma nota de invulgar inteligência. A esta descoberta outras se seguiram, igualmente mortificantes. Embora o seu olhar crítico houvesse detectado na jovem mais do que uma imperfeição em termos de simetria, via-se forçado a reconhecer que tinha uma figura esbelta e agradável à vista; e não obstante ter constatado que as suas maneiras não estavam à altura do mundo elegante, ele sentia-se atraído pela sua alegria e naturalidade. ~~Para~~ ignorava por completo tudo isto; para ela, Darcy era apenas um homem <sup>Elizabeth H</sup> com quem ninguém simpatizava, e que não a julgara suficientemente bonita para lhe conceder uma dança.

O senhor Darcy começou a desejar saber mais sobre ela; e, num primeiro passo para lhe falar directamente, aproximava-se quando a via a conversar com outros. Este movimento atraiu a atenção da rapariga. Estavam em casa de *Sir William*, onde se reunia um largo grupo de pessoas.

«Qual terá sido a intenção do senhor Darcy», perguntou ela a Charlotte, «ao vir escutar a minha conversa com o coronel Forster?»

«Isso é uma pergunta a que só ele poderá responder.»

«Se ele volta a fazer isso, dar-lhe-ei a entender que sei quais são as suas intenções. O senhor Darcy tem uma disposição satírica, e se eu não começar a mostrar-me impertinente, acabarei por ter medo dele.»

Vendo-o aproximar-se, pouco depois, sem intenção de abrir a boca, Charlotte desafiou a sua amiga a falar ao senhor Darcy desse assunto. Aceitando o repto, Elizabeth virou-se para ele e disse:

«Senhor Darcy, não acha que fui muito convincente há bocado, quando insistia com o coronel Forster para que nos oferecesse um baile em Meryton?»

# Anexo III

## NORMA PORTUGUESA NP-61

### SINAIS DE CORRECÇÕES DACTILOGRÁFICAS OU TIPOGRÁFICAS (NP-61 DE 1987)

#### 0 - Preâmbulo

A correcção de provas dactilográficas, quando feita com sinais convencionais de fácil compreensão, simplifica não só o trabalho do revisor como também o do dactilógrafo ou do gráfico compositor.



A norma que agora se apresenta contém erros no próprio texto e respectivos sinais de correcção, bem como algumas anotações complementares ao próprio texto julgadas necessárias para completo esclarecimento da Norma, e também, em anexo, um mapa das correcções.

#### 1 - Objectivo e campo de aplicação

A presente Norma especifica os símbolos a utilizar para a correcção de provas dactilográficas ou tipográficas. É aplicável aos textos submetidos a correcção, qualquer que seja a sua natureza ou apresentação.

#### 2 - Regra geral

##### 2.1 - REPETE-SE NA MARGEM O SINAL DE CORRECÇÃO

O sinal de correcção que se marque no texto deve, geralmente, repetir-se na margem. A modificação anota-se à direita da chamada repetida, a menos que o sinal empregado (como  ou ) indique a modificação a fazer. Se na mesma linha houver vários erros devem indicar-se pela ordem em que se apresentam no texto, dividindo visualmente a prova ao meio e marcando as emendas do lado correspondente.

#### 3 - Regras específicas

##### 3.1 - FALTA DE LETRAS

Sempre que falte uma letra, assinala-se a precedente ou a seguinte */de /in* e, na margem, repete-se a letra assinalada juntando-lhe a que falta.

### 3.2 - FALTA DE PALAVRAS

Quando faltar uma ou mais palavras do texto ou um sinal, faz-se uma chamada no espaço onde a falta se verifica e escreve-se na margem o que foi omitido/ Se a omissão for extensa utiliza-se o sinal / e na margem faz-se referência ao original e indica-se a página.

/muito

Exemplo:

A correcção de provas dactilográficas ou tipográficas, / não só .....

/ver original, p.1

### 3.3 - LETRAS A SUBSTITUIR

As letras a substituir marcam-se /u indicando na margem as letras correctas.

/a

### 3.4 - SUBSTITUIÇÃO DE PALAVRAS

A substituição de uma palavra assinala-se com — escrevendo-a completamente na beira. — margem

### 3.5 - EMENDA FEITA POSTERIORMENTE

No caso de uma emenda se fazer posteriormente, o sinal qu /2 Ti a marca deverá ser diferenciado /2 /2 Ti dos restantes por traço(s) horizontal(is) ou cor diferente.

/a Te


### 3.6 - PALAVRAS, LETRAS E SINAIS DE PONTUAÇÃO A SUPRIMIR. EMENDAS IGUAIS

As palavras /palavras/ ou as — 1 5 letras supérfluas assinalam-se nas margem com o sinal 5 (da palavra latina deleatur=destruir, apagar).

Emendas iguais e seguidas assinalam-se na margem uma única vez precedidas de tantas chamadas quantas as emendas pretendidas.

///a

### 3.7 - LETRAS OU PALAVRAS TROCADAS

Para assinalar ~~letras~~ ou palavras mal usa-se colocadas o sinal , de transposição, que indica o lugar que devem ocupar na palavra ou na frase.


Quando os elementos mal colocados não forem contíguos, devem numerar-se todos pela ordem desejada.

Exemplo:

<sup>1</sup>N<sup>2</sup>o <sup>3</sup>século <sup>4</sup>XV <sup>7</sup>houve <sup>5</sup>três <sup>6</sup>em  
Portugal <sup>8</sup>classes <sup>9</sup>de <sup>10</sup>tipografia.

### 3.8 - DIVISÃO SILÁBICA ERRADA

Quando a divisão silábica for feita indevidamente, ~~corrige-se~~ suprimindo a letra ou letras que estão a mais numa linha e acrescentam-se na outra.




/ni

### 3.9 - ESPAÇO OMITIDO OU MUITO ESTREITO ENTRE PALAVRAS

Quando ~~entre~~ palavras não for deixado espaço, deverá isto ser indicado na margem com o sinal # (que significa "afastar"). Se existe espaço, mas o desejarmos alargar um ou mais pontos, por exemplo dois pontos, deverá dar-se na margem a indicação # 2 p.

/#

### 3.10 - SUPRESSÃO COMPLETA DE UM ESPAÇO OU DIMINUIÇÃO DE ESPAÇO

Se uma pala/vra está dividida em duas por um espaço que não devia existir, indicar-se-á na margem com o sinal  (que significa "diminuir" espaço). Se o espaço está apenas largo demais e o queremos diminuir dois pontos, por exemplo, deverá empregar-se na margem a anotação  2 p 

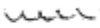

/+


### 3.11 - IRREGULARIDADE DO ESPACEJAMENTO ENTRE PALAVRAS

Quando | entre | palavras |  
há irregularidade de espaços, de-  
vem | entre elas | ser marca- |  
dos traços verticais, repetindo-  
-os na margem.

### 3.12 - IRREGULARIDADE DO ESPACEJAMENTO ENTRE LETRAS

Por vezes, quer na composição ma-  
nual quer na mecânica, o espaço  
entre letras de uma palavra é  
muito grande ou muito pequeno.


Se for muito g\_r\_a\_n\_d\_e e   
o desejarmos diminuir, empre-  
gar-se-á por baixo da palavra o  
sinal , repetindo-o na mar-  
gem.

Se, pelo contrário, o espa-  
ço entre letras é muito pequeno,   
sublinha-se a palavra colocando  
na margem o sinal +++++.

### 3.13 - AUMENTO DO ESPAÇO INTERLINEAR

Quando se deseje alargar o  
espaço entre as linhas, traça-  
-se entre elas uma linha que  
se bifurca nas margens

### 3.14 - REDUÇÃO DO ESPAÇO INTERLINEAR

Quando se deseje reduzir o  
espaço entre as linhas, traça-  
  
-se entre elas uma linha que  
termina em seta nas margens.

### 3.15 - ABERTURA DE PARÁGRAFO

A abertura de um novo pará-  
grafo indica-se com o sinal ¶,  
tanto no texto, como na margem.

Exemplo:

A normalização dos tipos  
e formatos de papel é adop-  
tada por muitos países. ¶ Com  
a normalização tem-se obti-  
do grande economia.

### 3.16 - ELIMINAÇÃO DE PARÁGRAFO

Para suprimir um parágrafo une-se o final de uma frase com o começo da outra, assinalando-se à margem com  $\sim$ .

Exemplo:

Não deverá esquecer-se que o custo da construção não depende apenas da mão-de-obra e dos materiais.)

Depende do projecto, da técnica construtiva e da organização do trabalho.  $\sim$

### 3.17 - ALINHAMENTOS VERTICAIS

Indicam-se estas incorrecções gráficas por meio dos sinais  $\{$  e  $\}$ .

Exemplo:

$\{$  Quando, em qualquer modalidade da vida, o nível de cultura atinge um grau elevado, a norma surge seja com esse nome, seja com outro que o equivalha.

### 3.18 - ALINHAMENTOS HORIZONTAIS

Os elementos mal alinhados marcam-se em cima e em baixo com traços paralelos e sinalizam-se na margem.  $\equiv$

### 3.19 - ÍNDICES OU EXPOENTES DESALINHADOS

Quando apareçam índices ou expoentes mal situados, deve indicar-se a sua posição exacta com os sinais  $\lrcorner$  ou  $\llcorner$  conforme o caso.

Exemplo:

Se num texto aparece escrito  $a_2$  e o 2 é índice, deverá indicar-se a sua posição exacta da seguinte forma:

$a_2\lrcorner$  que corrigido dará  $a_2$ .

Se o algarismo 2 é expoente, deverá indicar-se:  $a\llcorner 2$  que corrigido dará  $a^2$ .

### 3.20 - EMENDA ANULADA

*H. Asmurat* (vive)

Uma correcção errada desfaz-se riscando-a e acrescentando a palavra "vive" circulada. Não é conveniente, de modo algum, apagar ou ~~riscar~~ de modo a tornar ilegível a correcção que se pôs na margem.

### 3.21 - TIPO DE LETRA DIFERENTE PARA PALAVRAS OU LINHAS

Quando se deseje outro tipo de letra para palavras ou linhas, deve sublinhar-se o que é necessário mudar, anotando na margem o tipo de letra desejado ou o corpo preferido, ou ambas as coisas, valendo-se para isso de números se for preciso.

Exemplo:

*H negro*  
*H itálico*

Dá-se o nome de normando ao tipo /negro/ nas oficinas /gráficas/ e na /dactilografia/ *H Dia 10, courier*

*/ V*  
*/ V*

Se se trata de substituir uma letra ou letras pelas suas respectivas ~~VERS~~AIS (maiúsculas) ou ~~VER~~SALETES (pequenas maiúsculas), assinalam-se repetindo-as na margem sublinhadas com três ou dois traços, respectivamente. Se se pretender que todas as letras de uma palavra sejam substituídas por ~~versais~~ ou por ~~versaletes~~, marca-se toda a palavra e na margem ao lado da chamada limitamos a pôr três ou dois traços paralelos, conforme o caso.

*H ≡*

*H =*

### 3.22 - DUAS LETRAS NUM ÚNICO CARACTER

Para indicar o emprego de caracteres únicos com duas letras usados em vários países, e em Portugal em certas expressões latinas, marcam-se as duas letras que erradamente foram compostas com caracteres separados e assinalam-se à margem com *∩*.

Exemplos:

*// oe*

"*péillet*" e "*et caetera*".

*// ae*



### 3.23 - LINHAS TROCADAS

Quando duas linhas de com- — 1  
numerar-se na margem, pela or- — 3  
posição estão trocadas, devem — 2  
dem conveniente. — 4

### 3.24 - ORIGINAL ILEGÍVEL

Para o gráfico chamar a atenção  
sobre uma parte ~~aaaaaaa~~ coloca *Hilegível*  
em seu lugar várias letras  
iguais e que correspondam aproxi-  
madamente ao número de caracteres  
e à extensão da parte ilegível.  
Se se trata de algarismos, devem  
usar-se sinais que chamem bem a  
atenção como, por exemplo, @ ou #.

### 3.25 - ORIGINAL ILEGÍVEL

As letras ou palavras pouco le-  
gíveis marcam-se ~~///~~ um traço e *10/10/10*  
na margem inscrevem-se num cír-  
culo. As letras que erradamente  
se puseram com tipo diferente */pretize*  
marcam-se e na margem acrescen-  
ta-se à chamada o tipo pretendi-  
do.  
As letras sujas marcam-se com um *o o o o o*  
ponto por baixo de cada uma, assi-  
nalando na margem com o sinal ∪.

### 3.26 - LETRAS VOLTADAS OU DEITADAS

*/z* As letras voltadas ou deitadas */z*  
marcam-se assinalando na margem  
com o sinal z.

### 3.27 - ESPAÇO LEVANTADO OU ENTRELINHA ALTA

O material branco que está le-  
vantado ~~fa~~ ponto de prejudicar a */x*  
qualidade da impressão assinala-  
~~-se no texto e na margem com x.~~ *x*

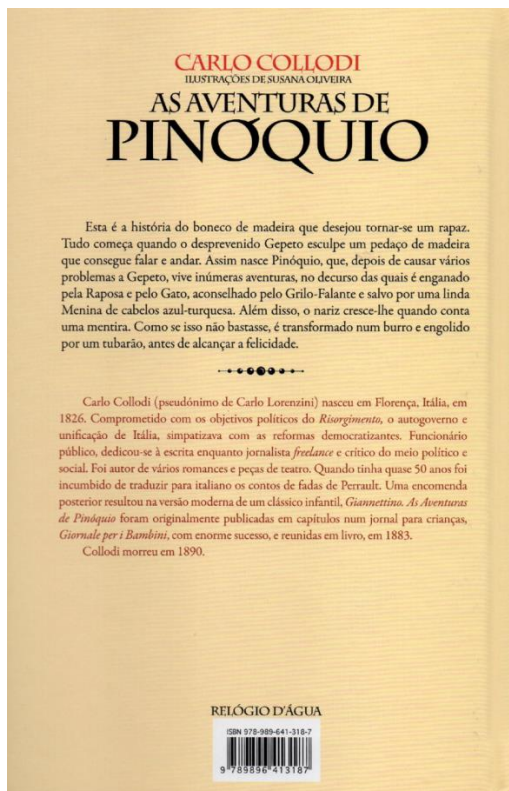
## MAPA DE CORRECÇÕES

Justificação		Sinais
Acrescentar	<a href="#">uma letra (3.1)</a>	/
	<a href="#">uma palavra (3.2)</a>	/
	<a href="#">várias palavras (3.2)</a>	/ ver original, p -
Substituir	<a href="#">uma letra (3.3)</a>	/
	<a href="#">uma palavra (3.4)</a>	H
	<a href="#">um tipo ou corpo de letra (3.21)</a>	H tipo pretendido
	<a href="#">uma letra por outra de outro tipo (3.25)</a>	1 tipo pretendido
	<a href="#">versais por versaletes (3.21)</a>	/ =
	<a href="#">versaletes por versais (3.21)</a>	/ ≡
Suprimir	<a href="#">uma letra (3.6)</a>	/ δ
	<a href="#">uma palavra (3.6)</a>	H δ
	<a href="#">um sinal de pontuação (3.6)</a>	/ δ
Trocar	<a href="#">letras (3.7)</a>	~
	<a href="#">palavra consecutivas (3.7)</a>	┌ ┐
	<a href="#">várias palavras (3.7)</a>	3 1 2 4
	<a href="#">linhas (3.23)</a>	- 2 - 1 - 4 - 3
Aumentar espaço	<a href="#">entre palavras (3.9)</a>	/ #
	<a href="#">entre linhas (3.13)</a>	→
Diminuir espaço	<a href="#">entre palavras (3.10)</a>	/ +
	<a href="#">entre linhas (3.14)</a>	← →
	<a href="#">entre as letras para formar um caracter (3.22)</a>	u
Igualar espaços	<a href="#">entre palavras (3.11)</a>	
	<a href="#">grandes entre letras (3.12)</a>	~
	<a href="#">pequenos entre letras (3.12)</a>	++++
Parágrafo	<a href="#">abrir (3.15)</a>	┌
	<a href="#">suprimir (3.16)</a>	┐
Alinhamento vertical	<a href="#">à esquerda (3.17)</a>	┌
	<a href="#">à direita (3.17)</a>	┐
Alinhamento horizontal	<a href="#">de elementos na palavra (3.18)</a>	
	<a href="#">de expoentes (3.19)</a>	┌
	<a href="#">de índices (3.19)</a>	┐

Emenda	<a href="#">repetida (3.6)</a>	///
	<a href="#">anulada (3.20)</a>	— <u>unve</u> ou <u>vale</u>
	<a href="#">posterior (3.5)</a>	↑
	<a href="#">de divisão silábica (3.8)</a>	/ / /
Ilegibilidade	<a href="#">de palavras no original (3.24)</a>	⊢ ilegível
	<a href="#">de números no original (3.24)</a>	⊗ ou Δ
	<a href="#">de letras defeituosas no texto (3.25)</a>	/o
	<a href="#">de letras voltadas ou deitadas (3.26)</a>	Σ
Alinhamento	<a href="#">de espaço levantado (3.27)</a>	/x
	<a href="#">de entrelinha levantada (3.27)</a>	x

# Anexo IV

## CONTRACAPA DE AS AVENTURAS DE PINÓQUIO



Esta é a história do boneco de madeira que se torna rapaz. A partir do momento em que Geppetto esculpe um pedaço de madeira que consegue andar e falar, esta extravagante fantasia leva Pinóquio a atravessar inúmeras aventuras, no decurso das quais é perseguido pela Raposa e pelo Gato, aconselhado pelo Grilo Falante, o seu nariz cresce quando conta uma mentira, é transformado num burro, e engolido por um tubarão, antes de alcançar a felicidade.

**Nota: Versão inicial resultante da tradução literal da versão inglesa.**

Esta é a história do boneco de madeira que desejou tornar-se um rapaz. Tudo começa quando o desprevenido Gepeto esculpe um pedaço de madeira que consegue falar e andar. Assim nasce Pinóquio, que, depois de causar vários problemas a Gepeto, vive inúmeras aventuras, no decurso das quais é enganado pela Raposa e pelo Gato, aconselhado pelo Grilo-Falante e salvo por uma linda Menina de cabelos azul-turquesa. Além disso, o nariz cresce-lhe quando conta uma mentira. Como se isso não bastasse, é transformado num burro e engolido por um tubarão, antes de alcançar a felicidade.

CARLO COLLODI (pseudónimo de Carlo Lorenzini) nasceu em Florença em 1826. Comprometido com os objectivos políticos do *Risorgimento*, o auto-governo e unificação de Itália, simpatizava com as reformas democratizantes que o acompanhavam. Funcionário público, dedicou-se à escrita enquanto jornalista *freelance* e crítico do meio político e social. Foi autor de vários romances e peças de teatro. Quando tinha quase 50 anos foi incumbido de traduzir para italiano os contos de fadas de Perrault. Uma encomenda posterior resultou na versão moderna de um clássico infantil, *Giannettino*. *As Aventuras de Pinóquio* foram originalmente publicadas em episódios num jornal para crianças, com enorme sucesso, e reunidas em livro, em 1883. Collodi morreu em 1890.

Nota: Versão inicial resultante da tradução literal da versão inglesa.

Carlo Collodi (pseudónimo de Carlo Lorenzini) nasceu em Florença, Itália, em 1826. Comprometido com os objetivos políticos do *Risorgimento*, o autogoverno e unificação de Itália, simpatizava com as reformas democratizantes. Funcionário público, dedicou-se à escrita enquanto jornalista *freelance* e crítico do meio político e social. Foi autor de vários romances e peças de teatro. Quando tinha quase 50 anos foi incumbido de traduzir para italiano os contos de fadas de Perrault. Uma encomenda posterior resultou na versão moderna de um clássico infantil, *Giannettino*. *As Aventuras de Pinóquio* foram originalmente publicadas em capítulos num jornal para crianças, *Giornale per i Bambini*, com enorme sucesso, e reunidas em livro, em 1883. Collodi morreu em 1890.

# Anexo V

## **EXEMPLO DE *E-MAILS* ENVIADOS A SOLICITAR AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE OBRA ESTRANGEIRA**

Dear Mrs. Robertson

Portuguese publishing house Relógio D'Água would like to know if it is possible to use one of your works, Paris Mist, from the Umbrella Series, for the cover of the book The Wine of Solitude, by Irène Némirovsky.

We would like to know as well if there are any terms/conditions that must be followed in order to use your work.

Regardsfully,

Relógio D'Água

6.11.2012

Dear Mrs. Robertson

Regarding our request to use your picture (Paris Mist, from the Umbrella Series), sent by e-mail in the beginning of the month, we would like to receive an answer on this subject, since we need to find an alternative for the book's cover in case you don't wish we use your work.

We look forward to hearing from you soon

Relógio D'Água

19.11.2012

# Anexo VI

## CONTRACAPA DE *O VINHO DA SOLIDÃO*



*O Vinho da Solidão* é um romance marcado pelos conflitos. Hélène sente desde a infância a indiferença familiar e o ódio que nutre pela mãe culmina com a sedução de Max, seu amante.

A Revolução de Outubro de 1917 e a Primeira Guerra Mundial percorrem a narrativa, empurrando a família Karol de São Petersburgo para a gélida Finlândia, e daí para Paris.

Hélène trava consigo um último conflito, ao tentar libertar-se do passado, através da sensação inebriante de solidão e da juventude.

*O Vinho da Solidão* é considerada a mais autobiográfica obra de Irène Némirovsky.

*O Vinho da Solidão* é um romance marcado pelos conflitos. Hélène sente desde a infância a indiferença familiar, e o ódio que nutre pela mãe culmina com a sedução de Max, seu amante.

A Revolução de Outubro de 1917 e a Primeira Guerra Mundial percorrem a narrativa, e a família Karol, originária de Kiev, é levada de São Petersburgo para a gélida Finlândia, e daí para Paris.

Hélène trava consigo um último conflito, ao tentar libertar-se do passado, através da sensação inebriante de solidão e da juventude.

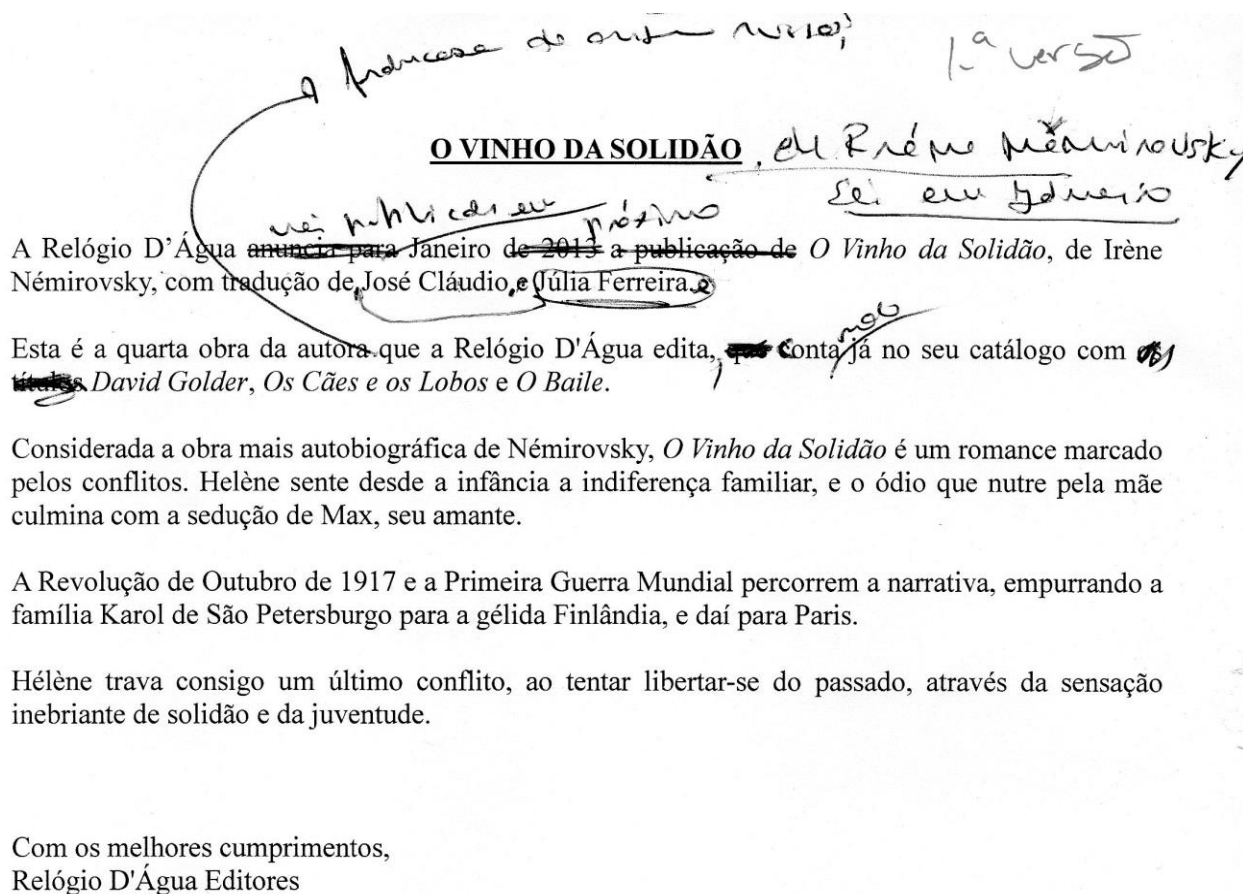
*O Vinho da Solidão* é considerada a mais autobiográfica obra de Irène Némirovsky.



## Anexo VII

### EXEMPLO DE *PRESS-RELEASE* UTILIZADO NA EDITORA

#### Primeira versão do *press-release*:



#### Versão final do *press-release*:

### O VINHO DA SOLIDÃO DE IRÈNE NÉMIROVSKY SAI EM JANEIRO

A Relógio D'Água vai publicar em Janeiro próximo *O Vinho da Solidão*, de Irène Némirovsky, com tradução de Júlia Ferreira e José Cláudio.

Esta é a quarta obra da autora francesa de origem russa que a Relógio D'Água edita, contando já no seu catálogo com *David Golder, Os Cães e os Lobos e O Baile*.



Considerada a obra mais autobiográfica de Némirovsky, *O Vinho da Solidão* é um romance marcado pelos conflitos. Hélène sente desde a infância a indiferença familiar, e o ódio que nutre pela mãe culmina com a sedução de Max, seu amante.

A Revolução de Outubro de 1917 e a Primeira Guerra Mundial percorrem a narrativa, empurrando a família Karol de São Petersburgo para a gélida Finlândia, e daí para Paris.

Hélène trava consigo um último conflito, ao tentar libertar-se do passado, através da sensação inebriante de solidão e da juventude.

Com os melhores cumprimentos,

Relógio D'Água Editores

## Anexo VIII

### A FILEIRA DO LIVRO EM PORTUGAL

